

MODESTO BROCOS

A questão do ensino de Bellas Artes

SEGUIDO DA
CRITICA SOBRE A DIRECÇÃO BERNARDELLI
E JUSTIFICAÇÃO DO AUTOR



RIO DE JANEIRO

1915



LB
707
B8649
2

Escola Nacional
de
Belas Artes U. B.
Biblioteca
Reg. 65 Ano 1964

820061
3339/154
03/12/14

Preambulo

A discussão travada no seio do Conselho Docente da Escola N. de Bellas Artes sobre o programma para o concurso ao premio de viagem, a observação das falhas que offerece o ensino depois da reforma de 1911, e o desejo de ver sanados essas lacunas e defeitos, justificam-me de vir a publico defender certas ideias, que se me afiguram imprescindiveis para o bom exito desse ensino e que impõem diversas reformas a introduzir no regulamento que actualmente se está elaborando.

Só um interesse superior, como é esse, me obriga a sahir da modesta reserva em que tenho vivido, para vir dar, neste pequeno folheto, as reformas mais peremptorias ao ensino das bellas artes, afim de encaminhar este ramo do saber pela estrada larga do progresso.

As escolas de bellas artes são, em toda parte, instituidas para serem frequentadas pelas classes menos abastadas da população, pois, como se verá adiante, estas escolas não são feitas só para sahirem d'ellas grandes artistas, nellas vão tambem os rapazes que não têm a pretensão de ser celebidades e vão aperfeiçoar-se nas artes do desenho para depois servir-se nas multiplas applicações das artes e industrias. Por esta razão no ensino, precisamos adoptar um systema mixto, estabelecendo cursos parallellos ao ensino que se faz na nossa Escola

aonde possam aprender desenho e modelagem os rapazes de officio ou os artifices como rezava o regulamento da antiga Academia. Aqui, além de se lhes fecharem as portas, como aconteceu com a ultima reforma que supprimiu a livre frequencia, obrigam-n'os a fazerem exames de geometria, de descriptiva e de perspectiva, e, si os não approvam n'uma d'estas materias, não passam adiante, o que constitue um meio prohibitivo para os rapazes poderem estudar. Eu fui alumno da Escola de Bellas Artes de Pariz e, além de praticar a aula de pintura do atelier Lehmann, frequentei as aulas de anatomia e perspectiva, e nem precisei inscrever-me nem fazer exame, pois, como disse n'outra occasião, sò se examinam nestes cursos theoreticos os que se destinam ao professorado. Aqui também deveremos fazer o que alli se faz—pois não julgo queiramos pretender estar mais adiantados que n'aquelle grande centro—para facilitar os estudos theoreticos a todos os que lá queiram ir estudar, sem peias de nenhuma especie. Não incluirei aqui os que se destinam á architectura, porque esses vão lá estudar uma carreira que lhes confere um titulo: o que não acontece com os que se destinam á pintura e esculptura.

As aulas theoreticas deverão ser d'ora em diante facultativas para os pintores e esculptores, ficando estes alumnos quites com o simples attestado de frequencia. Precisamos fazer as coisas largamente, atirando longe de nós tudo quanto sintá o atrazo e a falta de liberdade.

O professor R. Bernardelli, era o menos competente para dirigir aquelle estabelecimento de ensino artistico; foi pensionado para Roma pela antiga Academia, com a obrigação de cursar um certo tempo n'uma escola de bellas artes; de Roma escreveu dizendo não existir

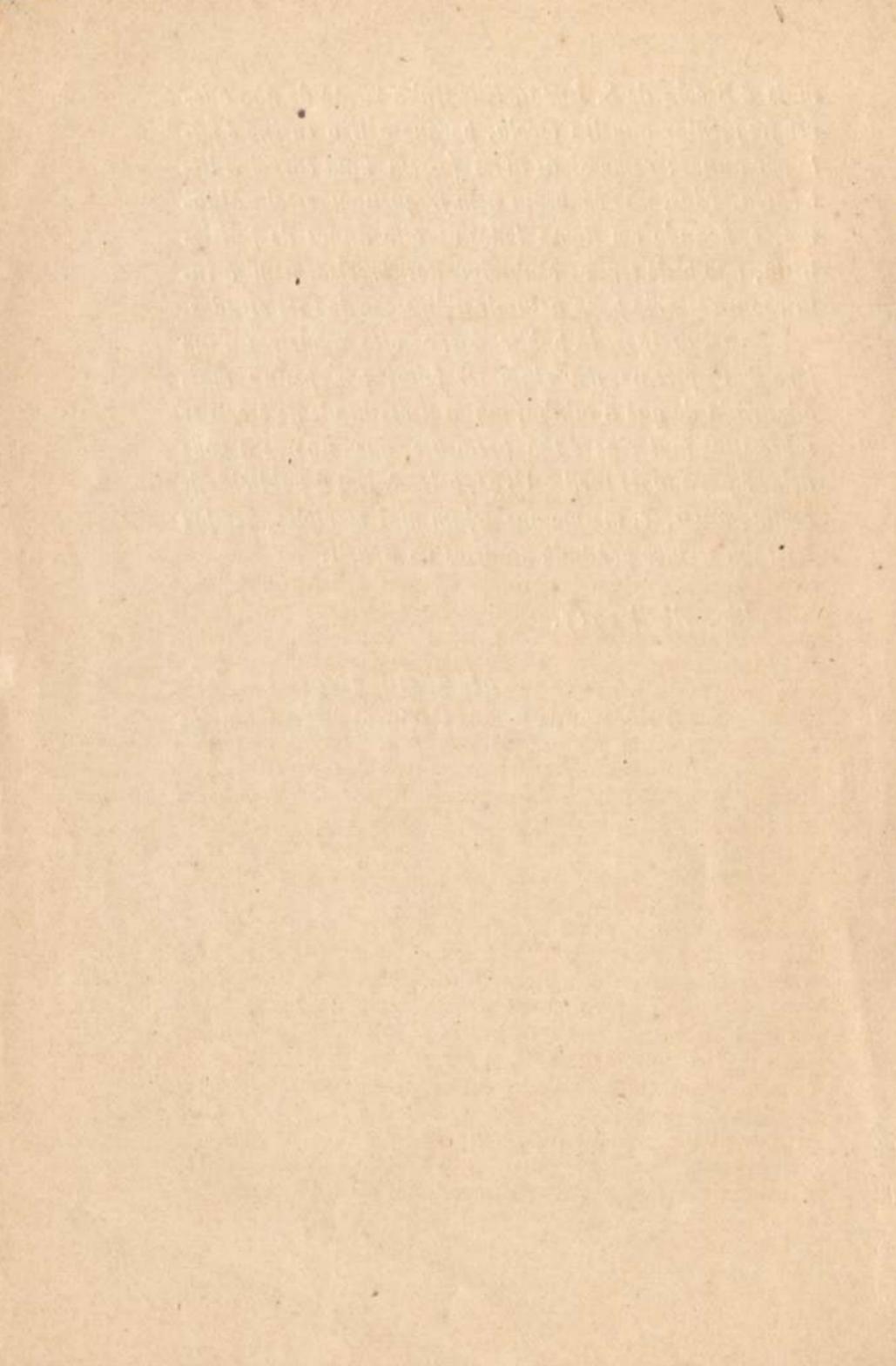
mais a Escola de S. Lucas. Elle tinha razão de não querer frequentar aquella escola, porque alli o ensino é feito por annos: como si as artes fossem uma carreira litteraria. Mas, não conheceu nem frequentou escola alguma, e, ficando em Roma todos os oito annos de pensionista, não pode ter os conhecimentos precisos nem a intuição necessaria para assumir a direcção de taes estudos.

Estes artigos, já publicados, os oito primeiros n'um jornal vespertino, deveriam ser feitos por penna mais adestrada do que a minha, mas a necessidade de escrever sobre estas materias é tão premente, que não se a pôde deixar para mais tarde. Urge, pois, dal-os á publicidade quanto antes, e, mesmo que sejam mal escriptos, sempre será um serviço prestado ás artes no Brasil.

Rio, Abril 1915.

Modesto Brocos

Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes



A questão do ensino de bellas artes

I

DO CONCURSO AO PREMIO DE VIAGEM

Nomeado no anno corrente pelo Conselho Docente, para fazer parte da Commissão que tinha de organizar as instrucções para premios de viagem e deveres dos pensionistas propuz que a prova do concurso de pintura fosse um quadro de composição, onde o candidato pudesse mostrar não só suas aptidões technicas, como tambem o seu talento inventiva. A Commissão não acceitou esta proposta e resolveu que a prova do concurso fosse a pintura de uma *academia*.

Convencido da necessidade de serem obrigados os alumnos de pintura, que concorrem ao premio de viagem, a executar um quadro, apezar do insuccesso da minha proposta e de não ser mais o momento para tratar desse assumpto, insisto em defender essa idéa para que seja posta em prática no futuro concurso.

Continúo a pensar que a pintura de um quadro se impõe, para obter o premio de viagem, como aliás se o exige em todas as escolas da Europa. Só assim poderá o candidato demonstrar os seus conhecimentos technicos, e a sua capacidade para a composição, de sorte a se revelar uma promessa de artista, digno do auxilio que dá o tal premio.

A pintura de uma simples *academia* não é sufficiente para serem reveladas as qualidades exigidas para um futuro artista, e não dá elemen-

tos bastantes, para que os juizes formem uma opinião segura.

Não se diga que a nossa Escola não tem elementos para preparar convenientemente os alumnos, de sorte a poderem com vantagem soffrer a prova da pintura de um quadro.

Antes do ultima reforma do ensino, a Escola tinha um unico professor de desenho figurado; as outras cadeiras de pintura e esculptura eram identicas ás da antiga Academia de Bellas Artes, havendo só a differença de serem as duas cadeiras de pintura na antiga Academia especializadas, uma para o ensino da pintura historica e outra para o de paisagem, quando as da Escola, pela reforma de 1891, ficaram sendo duas cadeiras identicas, nas quaes se ensina a mesma disciplina, o que, seja dito desde já, não se justifica attendendo-se ao nosso pequeno meio, onde não chegam a ser uma duzia de alumnos que frequentam aquellas duas aulas.

Pois bem, apesar de ser menor o professorado do que o actual, os candidatos ao premio de viagem podiam-se submeter á prova da pintura de um quadro.

Para demonstral-o, rememoremos o que se passava na antiga Academia, que tão accusada foi de atrazada e de ser um empecilho ao desenvolvimento e ao progresso artistico no Brasil.

Na antiga Academia, o concurso ao premio de viagem consistia na pintura de um assumpto biblico, no qual os alumnos podiam mostrar as diversas qualidades que se exigem de um futuro artista. Ahi estão para prova os concursos de Zeferino da Costa, que pintou «Moysés recebendo as taboas da lei»; de Amoedo, com o seu «Abel»; de Oscar Pereira da Silva, com o quadro «A flagelação de Jesus».

Mas, não era só o professorado na Academia que era mais escasso do que o actual, era tambem menor o numero de modelos. Hoje, dispondo

a Escola do quadruplo de modelos, é a falta delles uma das principaes razões para dispensar os candidados da prova do quadro.

Na antiga Academia, nos tempos em que a frequentei, existiam sómente dous modelos: o barbeiro X e o italiano Marrena, não havia nenhuma mulher: hoje a Escola dispõe de quatro modelos homens e outros tantos mulheres, além dos avulsos que de quando em vez apparecem.

Por ahi se vê que temos os modelos sufficientes para que os alumnos possam realizar o seu trabalho, sem contar com os que cada candidato póde arranjar particularmente.

Já que para argumentar devo fazer referencias á antiga Academia, aproveito a occasião para abrir um parenthesis, referindo summariamente e sob o ponto de vista da utilidade prática, algumas particularidades do ensino que vi ser dado, no anno de 1876, na aula de pintura pelo professor Victor Meirelles.

O velho mestre, com a intenção de facilitar a tarefa do colorido, que tão grandes difficuldades offerece aos principiantes, nos fazia executar, na palheta, series de combinações de diversas côres, o que nos tornava conhecedores de certos effeitos e que muito nos auxiliava no trabalho.

Ao mesmo tempo, ao approximar-se o termo do anno escolar, deu-nos um assumpto biblico a pintar: «Neé bebado». Aproveitou desse motivo para nos ensinar com toda consciencia o processo para se realizar um quadro.

Assim, depois de nos explicar o assumpto que tinhamos de compor, nos mandou:

1º fazer um esboceto que executado levamos para a aula, onde o velho professor fez a critica das composições, cada uma por sua vez, e fez proceder as correcções que julgou indispensaveis;

2º. desenhar a carvão e a crayon, e fazer estudos parciaes dos personagens que entravam na composição;

3º. combinar esses desenhos e pintal-os na tela a claro-escuro ;

4º finalmente, dar-lhes a côr.

E tudo isto com dous modelos para oito alumnos que eramos, sendo eu o unico de livre frequencia !

Victor Meirelles foi o unico mestre que conheci e vi ensinar o processo para se executar um quadro.

Para representação das scenas biblicas, a indumentaria, como já tive occasião de dizer, reduz-se a pouca cousa : uma tunica e um manto bastam. Saber manejar estes elementos, que o professor está na obrigação de ensinar ao alumno a utilisal-os e servir-se delles com gosto, fazendo lhes executar com o modelo alguns estudos de roupagens, dispondo e accomodando-lhes os panejamentos. Nestas condições, os alumnos, quando chegue a occasião do concurso ao premio de viagem, estarão preparados, pois terão uma educação artistica, completa.

Não precisarei repisar mais neste assumpto do concurso ao premio de viagem, para deixar assignalada a necessidade de se encaminhar o ensino, d'ora avante, de maneira que no concurso vindouro, os alumnos estejam preparados para executar o quadro.

Ainda que não justificasse a necessidade desse preparo o concurso em si, a justificaria uma razão elevada e nobre, qual seja a situação moral dos moços que attingem, ao terminar seus estudos escolares, essa recompensa, que póde ser chamada a suprema consagração. E, ainda mais, o estudante de bellas artes que reuna aos predicados de uma boa execução, os de uma imaginação creadora e sã, irá espalhando, por onde passar, o bom nome da escola onde estudou, o que redundará, além do beneficio proprio, na justa nomeada do seu paiz.

Em conclusão, julgo ter demonstrado sufficien-

temente que, para a obtenção do premio de viagem os concorrentes devem fazer o quadro. Conservemos, pois, o regulamento de 1901, na parte referente ao concurso de pintura e tratemos, d'ora avante, de dar ao ensino uma direcção criteriosa. Para alcançar este fim, penso que os encarregados de confeccionar o regulamento interno da Escola devem estatuir :

1º obrigação por parte dos alumnos de fazerem cada quinzena uma composição de duas ou tres figuras, no maximo, desenhadas ou pintadas, á vontade ;

2º durante a ultima quinzena de cada periodo, ensino pelos respectivos professores do uso das roupagens, afim de habituar o alumno a dispor e accomodar os panejamentos sobre o modelo ;

3º na terminação de cada periodo, um concurso geral de composição, no qual tomem parte os pintores, esculptores e gravadores, estimulando-os com um premio em dinheiro.

4º conveniencia no fim do anno, da execução de um assumpto de duas figuras, que, para maior facilidade, poderão fazer a claro escuro, os pintores, e em baixo-relevo os esculptores e gravadores ;

5º, exclusão de tomar parte no concurso de fim de anno, ao alumno que não tiver satisfeito as exigencias deste regulamento. Cumpridas estas disposições, estou certo, chegar-se-á, seguramente, a um efficaz resultado. O corpo docente da Escola deve estar convencido de que, sahir deste caminho seria desconhecer nossos deveres de professores. Isto é o que nos cumpre fazer para bem dos alumnos, prestigio da Escola e renome do Brasil.

II

DA LIVRE FREQUENCIA

No actual regulamento da Escola Nacional de Bellas Artes uma das reformas que mais se impõe, é a que se refere á livre frequencia. É uma questão importantissima para o ensino e della vou me occupar no presente artigo. Este assumpto deve merecer a maxima attenção dos Poderes Publicos, pois interessa as classes menos abastadas do paiz, que por um esquecimento incomprehensivel não foram contempladas na ultima reforma da Escola.

Entre nós, em todos os tempos, desde a antiga Academia até a ultima reforma referida, os moços, que não tinham sufficientes preparos para se submeterem aos exames litterarios de admissão ou que não dispunham de recursos pecuniarios para pagar as taxas da matricula, encontravam abertas as portas desta casa de ensino e podiam frequentar os cursos artisticos. A Escola de Bellas Artes nas reformas de 1890 e de 1901, continuou a admittir estes alumnos, e assim puderam frequentar os cursos de pintura, escultura, gravura e modelo vivo, sendo-lhes exigida unicamente uma prova de admissão a qual consistia num desenho de estatua.

Agora, porém, em virtude da ultima reforma que supprimiu a livre frequencia, a Escola fechou-lhes suas portas.

Para se comprehender todo o alcance malefico dessa medida prohibitiva, e avaliar os prejuizos que podem resultar para a arte entre nós, bastará lembrar que muitos destes alumnos de livre frequencia, que estudaram sem ter nenhuma garantia por partê da Escola, sem esperanças de premio e só animados pela sua fé no estudo, deram mais honra á Escola que muitos dos matriculados. Quantos nomes hoje conhe-

cidos e laureados devem no á livre frequencia permittida nos regulamentos de 1890 e de 1901, em cuja vigencia estudaram ! Não fosse ella consentida, que as disposições artisticas desses moços ter-se-iam malgrado e o Brasil não teria a satisfacção de vel os artistas consagrados. Citemos para demonstral o os nomes de Corrêa Lima, Helios Seelinger, Fernandes Machado, Freitas, Latour, os Chambellans, os Thimoteos, o caricaturista Calixto e outros, que foram todos alumnos de livre frequencia.

Accresce ainda, que todas as bolsas de viagem das Exposições Geraes de Bellas Artes, foram obtidas pelos alumnos não matriculados na Escola.

Examinemos agora, si existe realmente, para o desenvolvimento e progresso artistico no Brasil e para a formação de seus futuros artistas, inconvenientes a justificar que só possam receber ensino e aprender na Escola os alumnos matriculados.

Nenhum inconveniente existe e já o demonstrei com a lista de nomes que nunca foram matriculados e que não só obtiveram as bolsas de viagem, como tambem receberam a consagração do público. E é intuitivo que tal se tenha dado. Os alumnos matriculados, com raras excepções, uns vão cursar na Escola de Bellas Artes, como iriam estudar na Escola de Medicina ou Polytechnica, sem experimentar essa vocação que é preciso sentir quando se pretende abraçar uma carreira artistica ; outros, com o unico intuito de seguir alguma carreira preferem a de bellas artes por se lhes affigurar a mais facil. Os alumnos de livre frequencia, pelo contrário, estudam porque tem disposições artisticas. São vocações em estado latente disseminadas na população e que só podem ser aproveitadas si lhes forem franqueados os cursos da Escola. E seria cruel e iniquo negar-se a essas vocações o meio

de se desenvolver pelo estudo, de satisfazer a sua ancia de aprender e de chegar a realizar o seu ideal. Quando num joven germina este fogo sagrado, a sua inclinação artistica, tem a energia necessaria para lutar por conseguir o fim que almeja, certo de que se alcançar esta meta, lhe sorrirão a gloria e a fortuna. São estes os que vencem na vida. A pobreza que os ameaça de perto e as honrarias e o bem estar que vislumbram ao longe, determinam um unico caminho a seguir : a arte. Isto constitue uma grande força !

Eu proprio, tambem aproveitei da livre frequencia na antiga Academia. Achava-me no Rio de Janeiro para onde os azares da sorte me tinham conduzido, e aqui exercia a profissão de xilographo, quando soube da existencia de um estabelecimento de ensino artistico onde poderia estudar. Apressei-me em procural-o para o frequentar como alumno livre e, declaro com satisfação, fui recebido de braços abertos pelos mestres que então davam lustre ao ensino na velha Academia. Nesse tempo lá, — existiam o venerando Mafra, secretario e professor de desenho figurado : o sincero Victor Meirelles, professor de pintura historica ; o incompreendido Motta, professor de paizagem ; o bondoso Chaves, professor de esculptura e outros, que distribuiam suas luzes, com honesta sinceridade e carinho, por todos os alumnos daquela casa. Desses mestres ficaram-me gravadas no meu espirito as mais gratas recordações, que no momento manifesto.

A livre frequencia existiu sempre, tanto na antiga Academia como na Escola de Bellas Artes, e os resultados, como mostrei, foram optimos, e precisa, pois, que ella seja restabelecida, por constituir uma medida de real vantagem e de progresso para o paiz. Cumpre ao Poder Público fazel-o, grangeando desse modo as benções dos que, sem ella, não poderão dedicar-se ao estudo

artístico e os applausos de todos os que amam a terra brasileira.

As escolas de Bellas Artes no mundo occidental são instituições á parte, nada tendo de commum com os regimens das universidades e outros estabelecimentos superiores de ensino, e vivem em todos os paizes inteiramente dellas separadas. Nas Bellas Artes não se fazem doutores e sim artistas que unem ao trabalho intellectual o trabalho manual, um mixto entre o douto e o operario. Dahi não se deve nem precisar submeter uma escola de Bellas Artes ao mesmo regimen regulamentar dos outros institutos superiores de ensino, como se quer fazer com a nossa Escola.

Para terminar, repito : será uma medida justissima e necessaria o restabelecimento da livre frequencia na Escola Nacional de Bellas Artes, unico meio de se aproveitar as aptidões espalhadas entre o povo, que sem ella ficarão perdidas irremissivelmente. E' uma refórma ao actual regulamento que se impõe, e que os Poderes Públicos não podem deixar de realizar.

III

AULA DE PINTURA DECORATIVA

Tendo em consideração o diminuto numero de alumnos de pintura que frequenta a Escola Nacional de Bellas Artes. estranhei no meu primeiro artigo, a coexistencia de duas aulas de pintura de figura e declarei, então, que as julgava injustificaveis. Hoje, venho tratar mais detidamente deste assumpto e propôr coisa mais util.

De ha muito que medito sobre a actual organisação da Escola em relação ás duas aulas de pintura, identicas entre si, e nas quaes dá-se e

repete-se o mesmo ensino aos poucos alumnos que as frequentam. Não seria conveniente dar-lhe outra feição mais prática e benefica? Conservemos uma dellas como está concentrando as duas aulas em uma só, e transformemos a outra aula numa disciplina que nunca foi ensinada na Escola: a pintura decorativa.

A idéa da criação de uma aula de pintura decorativa na Escola Nacional de Bellas Artes não é nova: o professor Eliseo Visconti, um dos actuaes professores de pintura, ha tempos, requereu que fosse instituido o ensino daquella disciplina na nossa Escola. O professor Visconti está habilitadissimo para exercer o magisterio dessa cadeira: ninguem em melhores condições para fundal a do que elle, que seguiu em Pariz todo o curso de arte decorativa de Grasset, e tem dado sobradas provas de conhecer a materia.

A proposta do professor Visconti deve ser realisada na proxima refôrma do regulamento, transformando-se uma das aulas de pintura de figura em aula de pintura decorativa.

A arte decorativa é o primeiro degrão que deve galgar todo o moço que se destine ás bellas artes, fazendo lhe conhecer o «metier» da pintura, base para depois entrar na aula de pintura de figura, não com a cegueira dos que agora entram, mas tendo já conhecimentos dos que se poderá servir e utilizar nos successivos estudos escolares.

O alumno que tiver seguido o curso de pintura decorativa poderá desde logo, ser um independente, pois terá em suas mãos os meios de prover a sua subsistencia; emquanto que, frequentando as aulas de pintura como estão hoje estabelecidas, não póde ter segurança do dia de amanhã.

Com effeito, nem todos os que estudam chegam a ser grandes artistas e o desgraçado, que pelo systema actual de ensino é preparado para a grande arte, si não puder ser notavel pintor, fi-

cará a vegetar como tantos e tantos, que, ao terminar seus estudos, não sabem executar mais do que um retrato mediocre ou uma paisagem vasia, que nada nos diz, e que nem sabem animar com uma simples figura esboçada.

Os moços que, pela actual organização, frequentam durante cinco ou seis annos o curso de pintura, pintando sempre a mesma academia, em diferentes posições, é certo, mas sempre o mesmo estudo, não podem todos obter o premio de viagem á Europa e, os que não o alcançarem, ficam aqui a marcar passo, sem outro recurso do que aquelle que á Providencia aprouver lhes dar, perdendo se numa vida ingloria e incerta. Ao passo que, si elles, em logar de se limitarem a fazer seus estudos dentro desse programma restricto, que, como disse acima, só serve para ser grande artista ou ser nada, estudassem a pintura decorativa, esta arte abrir-lhes ia um vasto e larguissimo horizonte, onde poderiam applicar e desenvolver suas aptidões e actividades. A pintura decorativa tem um campo immenso de applicação: entra no palacio da cidade como na casa do campo, na loja do negociante como no café ou restaurante, no templo magestoso como na modesta capella, em toda parte, em summa, onde ha paredes, tectos e fachadas de edificios a pintar.

E' preciso convencermos nos e dizel-o: nem todos os alumnos podem ser grandes artistas, mas, si estudarem pintura decorativa, todos encontrarão nella um «metier» que os livrará de arrostar uma vida desgraçada.

A Escola Nacional de Bellas Artes, como disse, tem actualmente duas aulas de pintura em que se ensina a mesma disciplina, uma dirigida pelo professor E. Visconti e outra pelo professor J. Baptista, aquella com sete e esta com quatro alumnos.

Estes algarismos dizem mais do que um discurso e fazem comprehender, claramente, a necessidade de serem refundidas as duas em uma, e

estabelecer na outra o ensino da pintura decorativa, cuja vantagem e efficacia tenho demonstrado.

Em Pariz, seja-me permittido falar desse centro artistico, ha tres aulas de pintura, mas com perto de oitenta alumnos cada uma, e tambem ha uma aula de pintura decorativa, que não deve ter menor numero de estudantes. Entre nós, para onze alumnos temos duas aulas de pintura de figura, mas não temos aula de pintura decorativa !

O mais comesinho bom senso, o criterio que deve presidir á organização do ensino das bellas artes e o interesse pela sorte dos alumnos, ahi estão pedindo a gritos, a mudança de uma dellas em aula de pintura decorativa. Creada esta ultima cadeira, ter-se-á feito alguma cousa de util e pratico, pondo nas mãos dos moços que estudam pintura, um officio que permittirá, aos que não puderam ser grandes artistas, ganhar sua vida, principal «desideratum» que ambicionam todos os que procuram um centro de ensino para estudar e se dedicarem ao exercicio de uma profissão liberal.

Preparado o alumno e senhor desta parte da arte, se revelar disposições e progresso, passará então para a aula de figura e ahi continuará a evoluir em progressão ascendente; os conhecimentos de arte decorativa, que tiver adquirido, não serão perdidos e servir-lhe-hão nos seus estudos superiores, para suas composições e para melhor combinação das côres, em virtude da pratica adquirida na primeira aula. E assim partindo do mais difficil, irá vencendo as difficuldades de degráo em degráo, até poder concorrer e alcançar o premio de Europa.

Longe vão os tempos atrazados em que havia menosprezo dos pintores de figura para com os de arte decorativa, o que succedia quando eu estudava em Pariz na Escola Especial de Bellas Artes. Os alumnos que frequentavam o «atelier» de

arte decorativa dirigido n'aquelle tempo pelo professor Galland, eram pouco considerados pelos de pintura que os tinham no conceito de «operarios», e nem sequer nos visitavamos. Nessa época de meus estudos, imperava o realismo de Bastien Lepage, considerado o «summum» da pintura, e Puvis de Chavannes, na grande arte decorativa, de poucos era comprehendido.

Em resumo, os moços que entram para um estabelecimento de ensino artistico, não o fazem com o intuito de só fazerem a arte pela arte: todos os que nelle vão estudar, têm em vista alcançar uma posição na vida, que lhes possa proporcionar o bem estar. Só os frades podem fazer o sacrificio de sua existencia, sem preocupação das necessidades materiaes; mas elles sabem que, ao entrarem para viver nos claustros, ficam a coberto dessa contingencia. Não succede o mesmo ao alumno, que sahe da Escola de Bellas Artes, ao concluir o seu curso: entra elle no mundo a lutar e, si não estiver bem coberto com a couraça do saber, será vencido e succumbirá.

A Escola não dá titulos como succede com as Escolas de Medicina ou Engenharia; não o faz, não lhe conferindo mesmo o modesto titulo de professor de desenho, que lhe dêsse o direito de leccionar nos estabelecimentos do Estado. E' só o público quem confere o titulo de grande ou mediocre artista.

Ai daquelles que não recebem esta consagração para atingirem um logar entre os artistas de nomeada, por não terem sido preparados para exercerem a sua capacidade em outro departamento artistico que não o da grande pintura, terão essas victimas do nosso ensino de succumbir ingloriamente!

Estava escripto este artigo, antes do Sr. Visconti renunciar o posto de professor de pintura, agora, para prehencher este logar, abriram concurso. O professor Visconti, está encarregado de

decorar o « foyer » do Theatro Municipal, obra que occupará suas actividades durante dois annos ; será occasião quando elle terminar, de se estabelecer esta disciplina na Escola N. de Bellas Artes.

IV

CURSO NOCTURNO DE DESENHO

Nenhum estudo é mais proveitoso ao homem, attendendo-se á extensão e á variedade de applicações, do que o do desenho. Além de ser o grande educador do sentido da visão, o desenho é um elemento necessario para as bellas artes, para as artes applicadas e para diversos ramos da industria, que sem o seu conhecimento e prática não pódem satisfazer ás exigencias da civilisação actual.

E' sabido que os nossos sentidos começam a se educar desde a mais tenra infancia : o paladar no seio materno, a audição com as canções cantroladas para acalentar a criança, o olfacto com os aromas que lhe cercam o berço, o tacto com os affagos e as caricias e a visão pela luz que lhe fere a retina. E os sentidos vão-se desenvolvendo por si mesmos «pari-passu» que cresce a criança, chega ella a puberdade e mais tarde se torna homem, ao contacto e relações com o mundo exterior.

Mas, si tal se observa com os diversos sentidos, cumpre exceptuar o da visão, para cujo desenvolvimento e perfeição não são bastantes a integridade e perfeita organisação do orgão. Todos os individuos com os órgãos visuaes bem conformados vêm clara e distinctamente tudo quanto a vista alcança, mas vêm tudo com certa inconsciencia : não percebem bem as distancias que medeiam entre os objectos, não sabem dis-

tinguir as diferenças dos valores do claro-escuro, nem as tonalidades, nem os tamanhos, pelo motivo que o órgão visual fica em um estado de percepção rudimentar por não ter sido sufficientemente educado.

A educação da visão é longa e difficil e só se a consegue com o estudo do desenho, que se deve principiar cedo, durante a evolução cerebral, porque, attingido o completo desenvolvimento do cerebro, torna-se muito mais custoso o tal estudo.

O ensino do desenho é de uma actualidade palpitante, e a sua necessidade entre nós cresce de dia a dia, a nossa povoação augmenta e com ella augmentam tambem as aspirações do povo. Este ensino não serve sómente aos que querem seguir uma profissão liberal; é um ensino práctico que póde servir a todos, pois não ha uma só categoria da população que não possa tirar proveito. Os rapazes para bem aprenderem um qualquer officio precisam estudar desenho. E não são só os que aprendem officios mais difficeis, como sejam entalhador, marmorista, ourives, marceneiro, etc., que necessitam do ensino práctico do desenho; os que querem dedicar se a officios mais modestos tambem carecem do seu estudo. Assim acontece com o humilde oleiro para formar com a bola de barro um simples copo ou uma singela moringa, si quizer dar-lhe fórma e bellas proporções, precisa conhecer as leis do desenho.

E' uma necessidade que se impõe aos nossos dirigentes e governantes, a propagação por todos os meios ao seu alcance do ensino do desenho no Brasil. Desse ensino e de sua generalisação, dependerá o futuro das artes applicadas, das artes professionaes e de muitas das nossas industrias.

E' mister, pois, que se desenvolva o ensino do desenho no Brasil, especialmente na Capital Federal, o centro onde mais numerosas e impor-

tantes são as industrias e onde as artes liberaes e applicadas têm tido maior expansão.

Seria descabido pretender-se o estudo do desenho entre nós, como se faz nos paizes europeus; mas não o é e constitue, ao contrario, uma obrigação dos dirigentes o dedicar-lhe maior attenção, a fim de se poder attingir aos resultados desse util conhecimento, pois este estudo, é lastimavel confessar, foi descurado até nossos dias.

Para conseguir tal fim e principiari a fazer alguma cousa de util e de pratico, sem grandes gastos e aperfeiçoando o que já temos, lembro a creação de uma aula nocturna de desenho na Escola Nacional de Bellas-Artes.

Attendendo ao lado economico, essa aula será annexa ou parallelá á Escola e nella serão admitidos os rapazes que quizerem aprender desenho, desde a idade de doze annos.

Esta aula poderá ser installada no actual edificio da Escola, no porão do lado direito da porta de entrada do modelo vivo, e onde poderá pela sua capacidade, accomodar até oitenta alumnos. Não se terá necessidade de novos empregados para fiscalizar essa aula, porquanto os bedeis e serventes, que ficam diariamente de serviço na aula de modelo vivo, poderão vigiar a aula annexa, a qual funcionará as mesmas horas daquella, — 6 ás 8 horas da noite. Ao professor de modelo vivo, além do director da Escola, caberia a incumbencia de dar uma vista de olhos para julgar do andamento do curso e zelar, com os empregados sob suas ordens, pelo bom funcionamento da mesma. Nenhuma duvida tenho de que o docente da cadeira de modelo vivo aceitará essa incumbencia, sem maior onus para o Thesouro, attendendo ao fim patriotico que se tem em vista obter.

A creação da aula nocturna de desenho, nas condições lembradas, poucas despezas acarre-

tará aos cofres publicos, quer para a sua instalação, quer para a sua manutenção.

Julgo facillima e economica a sua instalação: 3 semi-circulos de ferro para as 3 paredes principaes da sala, dous quartos de circulo, também de ferro, para os dous cantos e taburettes de madeira para assentos; do lado das janelas uma mesa corrida com logares para serem collocados os modelos, e servida por bancos, e a instalação de luz electrica para illuminar a sala.

Para leccionar nesta aula, serão sufficientes dous professores contratados por um anno, podendo ser renovado se elles mostrarem zelo pelo ensino, e vencendo metade do ordenado que receberem os professores da Escola. Esta aula será diaria para professores e alumnos, e servirá para preparar os professores, que, depois de se mostrarem aptos para o magisterio, poderão ser aproveitados para passar, mais tarde, a occupar as cadeiras de disciplinas artisticas na Escola. Porque precisamos reflectir; não se improvisa um professor, pois muitas vezes dá-se o caso de ser notavel artista e o mesmo, como professor, ser imprestavel.

Por este projecto verifica-se logo quão pouco dispendiosa ficará a manutenção dessa aula, desde que o estudante seja obrigado a levar seu material inclusive papel. Por outra parte, os modelos que seriam o mais custoso, a Escola possui. E com tão pouco, que immensas vantagens adviriam desta aula para o povo!

* Este curso assim estabelecido, terá uma dupla utilidade, aproveitará immediatamente aos que se dediquem a uma profissão manual, e aproveitará a todos aquelles que tencionem dedicar-se as bellas artes.

Neste curso, poderão revelar-se os rapazes que apresentem francas disposições para as artes e daqui passar a estudar na Escola, não com a

inconsciencia dos que hoje vão lá estudar, mas já tendo a certeza que suas disposições dão para seguir os concursos de bellas artes. Porque é preciso ter isto bem presente: não é sufficiente que o individuo sinta vocação para as artes, é necessario que esta vocação seja acompanhada de disposição, de uma enorme aptidão para abraçar qualquer carreira artistica. Procedendo com o criterio errado que se tem seguido até aqui, isto é, sem examinar se os alumnos que desejam entrar para aquella casa reúnem estes predicados, caminhamos para um resultado funesto, qual seja de os que lá estudam, si não conseguirem ser artistas, ficarão sendo uns «declassés», que por não saberem ganhar sua vida, acabarão por viver de expedientes.

Este projecto não é uma invenção minha, da qua! pudesse tirar uma patente: Não. Elle existe realizado e o vi posto em pratica na Escola de S. Fernando, em Madrid, onde estudei de 1879 a 1880.

Naquella Escola, as mesmas horas da aula de modelo vivo, que é, como aqui, das 6 ás 8 horas da noite, os cursos annexos estão estabelecidos e funcionam no andar terreo, sob a direcção de professores que têm o titulo de ajudantes, e percebem metade do ordenado que ganham os professores da Escola. Os cursos annexos são de desenho e de modelagem e os operarios e demais artistas podem frequental-os, praticando o desenho e a modelagem para com esses elementos aperfeiçoarem-se em suas diversas profissões. A Escola de S. Fernando é conhecida em toda Europa pelos artistas que tem produzido, porém alli, ao lado da grande arte, não se descuidam do andamento e progresso das artes menores, e nesse intuito ensinam o desenho ao povo.

Façamos o mesmo entre nós.

V

MELHOR UTILIZAÇÃO DA AULA DE
MODELO VIVO

A aula de modelo-vivo, da Escola de Bellas Artes, poderia ser de maior proveito artistico, si o regulamento vigente fosse reformado, permitindo a sua frequencia a um certo numero de artistas que dellas se quizessem utilizar para, juntamente com os alumnos, se exercitarem no estudo do modelo-vivo. E' o que vamos provar, suggerindo o que se deve fazer na nossa opinião.

Para conservar em perfeito equilibrio as forças phisicas e as forças intellectuaes, todos os homens precisam de exercital-as continuamente, sob pena de vel as atrophiadas e diminuidas. Os artistas precisam tambem destas duas gymnasticas; mas ha uma imprescindivel, que não se póde dispensar de fazer, e esta é a cópia do modelo-vivo.

Este estudo, que os artistas, sejam pintores, esculptores ou gravadores, devem fazer durante tres ou quatro mezes de cada anno, para conservar adestrado o seu orgão visual, só elles o podem fazer nos grandes centros artisticos, onde existem elementos que lhes facilitam a execução da cópia do modelo-vivo, o que não se dá entre nós.

Lá existem academias públicas e particulares onde, mediante uma pequena retribuição pecuniaria, se lhes permite praticar este exercicio. E, apezar desses meios, os artistas europeus, em seus centros de reunião, circulos ou clubs artisticos, nas grandes cidades, têm, além das salas de conversação, de leitura, de diversões, uma destinada ao estudo do modelo-vivo, onde os socios, á noite, desenhavam o modelo, para, assim, conservarem a percepção visual justa.

Ora, entre nós, os artistas são em pequeno numero e não podem organizar um centro onde possam reunir-se, e os poucos que ha, si quizessem praticar este estudo, só o poderiam fazer indo á aula de modelo-vivo da Escola Nacional de Bellas Artes.

Esta aula é pouco frequentada e, durante o anno, permanecem vasios dous terços dos lugares, dos quaes alguns podiam ser proveitosamente occupados pelos artistas que nella quizessem copiar o modelo vivo.

Os estabelecimentos de ensino de bellas artes são instituições populares, que devem ter por principio favorecer todas as classes que nellas queiram estudar, quer para aprender, quer para se aperfeiçoar, sem as peias e os óbices impostos pelo academismo.

Penso que o regulamento deve ser reformado no sentido que tomo a liberdade de suggerir.

A aula de modelo-vivo serve actualmente para o ensino dos alumnos que fazem os cursos de pintura, esculptura e gravura, e que não chegam a doze. Tem ella tres filas de bancos, das quaes a primeira nunca foi occupada. Pois bem, esta primeira fila póde ser destinada aos artistas que quizerem frequentar a aula, ficando os alumnos por detraz dos occupados pelos artistas. Os moços, principalmente os principiantes, nestas condições, teriam occasião, ao passo que copiavam o modelo, de observar como os artistas que ficavam adiante desenhavam e de poder comparar os seus trabalhos com os delles, resultando dessa comparação, para os alumnos, uma interpretação do modelo com vistas mais largas e seguras.

No caso de augmentar o numero de alumnos com os de livre frequencia, de sorte a serem poucas as tres filas de bancos para o serviço da aula, ha ainda espaço para ser augmentada com uma quarta fila sem grande dispendio.

Em todo o caso, para ter uma feição criteriosa e razoavel, poderia o novo regulamento determinar a frequencia livre na aula de modelo vivo a um numero limitado de artistas, que seriam então: os ex-pensionistas da Escola, os bolsas de viagem das Exposições Geraes, os ex-alumnos que obtiveram medalhas de ouro e, por ultimo, si houver logares vagos, os recompensados nas mesmas Exposições.

Ao mesmo tempo, deve ser estabelecido que os artistas se utilisem de material proprio, para não onerar os cofres da Escola e para evitar abusos.

A inscripção para entrar neste curso deveria ser feita na primeira semana da abertura das aulas da Escola, e, comportando esta primeira fila 12 logares, caberia aos primeiros 12 inscriptos o direito de trabalhar no primeiro periodo escolar, ficando os restantes para o segundo periodo; assim seriam ao todo um numero de 24 artistas, que durante o anno aproveitariam da aula de modelo-vivo.

Estou convencido de que a refórma da aula neste sentido, trará beneficios a todos os artistas residentes nesta cidade; frequentando o modelo-vivo, os artistas terão occasião de praticar um exercicio necessario e dará motivo para se approximarem entre si; e dessa aproximação, desse convivio, resultará fatalmente maior harmonia entre elles, para proveito proprio e progresso artistico do Brasil.

VI

DOS PODERES DO DIRECTOR

Uma questão que parecerá a primeira vista sem importancia e que se impõe ao actual regulamento da Escola Nacional de Bellas Artes, é a que se refere aos poderes conferidos ao seu Director.

E' preciso que sejam elles alargados, no sentido de ter o Director maior e mais extensa autonomia relativamente á soluçãõ de varios problemas concernentes ao bom andamento da instituição. O regulamento da Escola é muito explicito em relação ás funcções do Director, e não dá logar a interpretações. Precisamos, pois, vir em seu auxilio, investindo-o de poderes discretionarios para resolver as questões que se possam offerecer naquelles casos não previstos pelo Regulamento, afim de poder elle melhor desempenhar a missãõ de seu cargo.

O espirito destes poderes deverá ser o de decidir favoravelmente ao ensino e aos alumnos, naquelles casos que o regulamento não cogitou; guiado sempre pelo criterio e bom senso que devem presidir a todos os actos administrativos.

Para mostrar as vantagens que advirão da medida lembrada, apresentarei alguns exemplos, dos quaes melhor resaltarã a sua utilidade.

Supponhamos que, para se matricular na Escola de Bellas Artes, chegue um rapaz de um dos Estados do Norte, em cuja capital teve occasiãõ de aprender desenho. Depois de prestar o exame de admissãõ, entra esse moço para a Escola e vai para o primeiro anno do Curso Geral (desenho figurado), de accõrdo com o estabelecido no actual Regulamento. Na aula do primeiro anno deste curso, o novo alumno mostra que tem habilitações superiores e sabe mais do que devia nella aprender. Para se certificar da verdade de sua presumpçãõ. o professor faz esse alumno desenhar juntamente com os do terceiro anno, e verifica não só que elle pôde frequentar esta aula, mas até que é um dos que nella mais se destacam.

Pois bem, pelo regulamento vigente, esse moço está condemnado a fazer os tres annos do curso geral, passando de um para outro anno, sem poder frequentar uma aula superior. Mas,

tendo sido o Director investido com os poderes discrecionarios, manda-o fazer a prova final com os do 3.^o anno, e assim poderá passar para a aula de pintura ou de esculptura na qualidade de ouvinte.

Não se objecte que, com isto, se pretenda sophismar o regulamento, isto é, simplesmente interpretar o, pois que o rapaz continúa matriculado no 2.^o anno do curso geral; mas desde já, poderá frequentar as aulas de pinturas ou de esculptura, aproveitando melhor seu tempo.

Não se creia seja uma phantasia minha o que acabo de figurar. A hypothese já se realizou na nossa Escola nestes ultimos tempos, devendo os alumnos que lerem este artigo, se recordar do facto. Tive um alumno, no anno atrasado, com grandes disposições, e que se destinava ao estudo da architectura; nos dous primeiros annos do curso geral estava preparado para passar para o curso superior, e não o pode fazer pelo impedimento regulamentar. Ora, si o Director estivesse investido dos poderes que proponho, mandava submitter esse alumno a exame do terceiro anno, e elle poderia ir para a aula de architectura como ouvinte, o que lhe permitiria praticar mais um anno nessa aula com grande vantagem, mesmo porque é curto, a meu ver, o praso de tres annos de estudo para se formar um architecto.

Além deste caso passado em nossa Escola e que não foi resolvido satisfactoriamente, vou referir em contraposição um outro que se deu comigo na Escola de Bellas Artes de Madrid, onde os poderes discrecionarios da direcção permitiram-me grande economia de tempo e melhor aproveitamento em meu curso artistico.

Depois de prestar exame de admissão, entrei, como exigia o regulamento daquella Escola, para a aula de «antigo» e «roupagens» (estatuas). Desejando, porém, frequentar a aula de pintura, que era o que mais me interessava, procurei o professor, que era D. Frederico de Madrazo, e pergun-

tei-lhe si podia assistir á sua aula. Respondeu-me affirmativamente, mas só na qualidade de ouvinte. Agradei, pedi-lhe licença para assistir á sua aula e lá fui trabalhar. No fim da semana, vendo o notavel pintor hespanhol o meu trabalho, perguntou-me onde tinha estudado, quaes os professores que tinha tido e, depois de mais algumas indagações, chamou o bedel e á sua vista me disse: Póde entregar o seu cartão para levar á secretaria. Nesse mesmo dia fui matriculado nas aulas de pintura e de modelo vivo, e pude assim, graças aos poderes discrecionarios do professor Madrazo, evitar a perda de duas horas todas as manhãs, na aula de estatua e fazer o meu curso regular naquella Escola.

Precisa-se, pois, investir o Director da Escola Nacional de Bellas Artes com estes poderes, cuja utilidade benefica ficou sufficientemente provada no presente artigo.

VII

DAS ATTRIBUIÇÕES DO CONSELHO SUPERIOR

Joaquim Lebreton, membro do Instituto de França na classe das sciencias moraes e politicas, quando destacaram as Bellas Artes e formaram com estas a quarta classe, foi eleito secretario perpetuo destas. Com a quéda do Imperio napoleonico, Lebreton teve que emigrar, vindo para o Brasil com varios artistas francezes, e aqui foram aproveitados por D. João VI, que fundou com elles a Academia das Bellas Artes; encarregados de leccionar pintura, esculptura, architectura e gravura. Esta academia começou a funcionar em edificio proprio em 1826, e alli continuou a leccionar essas disciplinas durante os dous imperios, até á proclamação da Republica.

Este regimen, ao mesmo tempo que reformou

as instituições politicas e a administração publica, remodelou os institutos de ensino e, entre estes a Academia, que, pelo decreto de 8 de Novembro de 1890, passou a denominar-se Escola Nacional de Bellas Artes, tendo sido creado por este mesmo decreto o Conselho Superior de Bellas Artes, cujas attribuições e constituição farão a materia do presente artigo.

No seu inicio este Conselho foi uma instituição meramente decorativa; só mais tarde lhe foi commettido o encargo de promover annualmente a Exposição Geral de Bellas Artes e, agora, pela reforma de 1911, tem a incumbencia de deliberar sobre as altas questões de Bellas Artes, sua propagação e aperfeiçoamentos, e dar parecer sobre questões em que fôr consultado pelo Ministro ou pelo Director da Escola. Incontestavelmente, o actual Conselho tem mais somma de competencia, mas isto não é sufficiente e precisam de lhe commetter mais latas attribuições: deve-lhe ser entregue a direcção moral das artes no Brasil e ser o poder dirigente da Escola Nacional de Bellas Artes.

Para se conseguir este fim, além das attribuições já conferidas, o Conselho Superior deve ter as seguintes: encarregar-se da organização dos concursos para o premio de viagem e da eleição de seus julgadores, tendo em vista que estes devem ter a maior e a mais completa independencia para os julgamentos; examinar e estudar os diversos methodos de ensino applicados nas aulas de disciplinas artisticas; verificar e dar parecer, no fim do anno escolar, por intermedio de uma commissão nomeada do seu seio, sobre o andamento das aulas referidas, indicando as que mais se distinguirem pelo aproveitamento dos alumnos, e pedindo ao Governo uma recompensa para o professor que mais se esforçar pelo ensino. Além destas attribuições, deve o Conselho ter a incumbencia de manter e conservar em constante

estado de emulação professores e alumnos nas diversas aulas, afim de tiral-os da apathia que, por ventura, venha dominar em qualquer dellas.

As vantagens que advirão desta ultima attribuição do Conselho Superior, são obvias, desde que se reflecta sobre o poder da emulação. E' ella uma das forças mais poderosas para o progresso humano, della resulta a nobre e esforçada luta, em que cada um se empenha para conseguir a realização do seu ideal, seja no campo das investigações scientificas, seja no utilitario das industrias ou no da imaginação artistica. D'ahi, a necessidade de manter em constante alerta a emulação, forte alavanca de progresso, se quizermos resultados efficazes para o ensino na Escola Nacional de Bellas Artes.

Fazendo agora um estudo retrospectivo, estudemos desde já a composição do Conselho Superior de Bellas Artes, e vejamos si não seria de justiça modificá-lo no momento actual.

Como dissémos, o Conselho Superior foi até á ultima reforma constituído pelo Conselho Escolar, «ex-vi» do artigo 85 do Regulamento de 1890 (Disposições transitorias), que estabelecia que funcionasse o Conselho Escolar com o character de Conselho Superior de Bellas Artes, emquanto não houvesse professores honorarios para completarem a sua organização. Ora, pela ultima reforma, o Conselho Superior de Bellas Artes foi constituído pelos artistas que foram professores da Escola e que são actualmente em numero de trez: Henrique Bernardelli, Amoedo e Belmirc, e pelos professores actuaes das disciplinas artisticas: modelo vivo, pintura, esculptura, gravura, architectura, desenho figurado e ornatos. Dahi resultou a eliminação de muitos professores da Escola, que até então tinham feito parte do Conselho.

Não nos parece justa a eliminação desses professores do actual Conselho Superior, depois de

terem feito parte delle por tantos annos. Os serviços prestados por elles durante longo tempo, de accôrdo com os antigos regulamentos, constituiram direitos, de que não deviam ser despojados de um modo tão pouco ceremonioso, sem fallar mesmo em que, de tal facto, resultou ficarem fóra do Conselho professores de competencia artistica incontestada.

Não comprehendemos nem sabemos qualificar essa resolução, de se annular direitos adquiridos com uma simples pennada em um regulamento !

E' preciso, pois, reparar se a injustiça feita e a desconsideração infligida aos antigos membros do Conselho Superior, eliminados por aquelle regulamento, fazendo com que venham de novo tomar parte no Conselho. E' uma reparação que se deve aos professores Cincinato Lopes, Berna, Cianconi, Chalhreu, Morales de los Rios, Araujo Vianna, Graça Couto e Bahiano, que, desde que entraram para a Escola, fizeram parte do Conselho Superior de Bellas Artes.

VIII

DO METHODO

Entre as numerosas questões que se podem apresentar ao estudo dos pedagogos, sobrelevam as referentes aos diversos methodos a se empregar no ensino dos varios e multiplos conhecimentos humanos.

Nós, artistas, tambem precisamos de nos occuparmos destes problemas, procurando indagar qual o methodo mais apropriado para ensinar o desenho, sendo este conhecimento demorado e difficil de se adquirir.

Sobre qualquer materia de ensino ha numerosos tratados, dando conselhos a mestres e dis-

cipulos ; mas, em relação ao estudo do desenho, pouco se tem escripto, e, como a maioria dos livros que se occupam destas cousas não são feitos por profissionaes, existe a respeito uma lacuna que se sente e que se deve preencher.

O ensino do desenho, até bem poucos annos, principiava pela copia das estampas, mas este methodo hoje só é usado pelos professores amadores e pelas professoras, que por toda a parte pululam. E servem-se d'elle por ser o mais facil ; pois, com uns retoques feitos pela professora, póde a discipula ir mostrar em casa, as obras que, desenhadas ou pintadas, faz no collegio, convencendo-se, não só ella como seus paes, de que aquillo é fazer arte. Este methodo está hoje condemnado, por se ter reconhecido ser o melhor meio de atrophiar as intelligencias.

O que acabamos de dizer é o que acontece por esse mundo afóra ; mas não será desse público nem do ensino que se pratica nos collegios, que vamos nos occupar neste artigo.

Trataremos primeiro de indagar, si não poderíamos extrahir da mesma natureza das artes, o indice do qual pudesse nos tirar a consequencia para encontrarmos a estrada definitiva.

Nas sciencias biologicas, procura-se, para se obter e se chegar a resultados efficazes, investigar as causas primordiaes, para depois estudar as consequentes, e assim por diante. Darwin, estuda o estado embryonario da criança e tira d'elle todas as consequencias para averiguar a origem do homem. Nós tambem deveremos estudar o estado embryonario das artes e seguir o seu desenvolvimento, para depois tirar as consequencias e applical-as ao nosso methodo de ensino. Antes, porém, precisamos indagar como as artes se manifestaram na humanidade

Este problema, intrincado e de difficil solução para alguns, se me afigura, pelo contrário, mais facil de resolver do que á primeira vista

parece, e não será preciso consultar muitos infolios, para chegarmos a tal conhecimento. Na verdade, folheando os tratados de arte decorativa, vêm-se nelles as primeiras manifestações artisticas que pertencem ao genero « primitivo », anteriores a toda arte regrada, concepções por assim dizer, de instincto e que se encontram nos povos da Oceania e da Africa Central.

Estes ornatos summarios, são desenhos de criação pura e imaginaria onde a linha recta é predominante. Alguns já apparecem misturados com curvas, e destes encontram-se especialmente na ornamentação peruana e mexicana, alliados a figuras que affectam muito de longe a fórma humana. Nos tempos pre-historicos da Grecia, a cidade de Mycenae nos mostra a porta dos leões, animaes informes, e, exceptuando esta porta, o que alli se encontrou foram ornatos figurando postas, enrrollamentos, meandros, cracas, etc. São estes ornatos muito parecidos com os desenhos que se vêem nos vasos dos nossos indios do Amazonas, que, por sua vez, podem ser considerados como as primeiras manifestações artisticas do homem sobre a terra; si elles intentam a figura humana nos seus vasos, esta é um ornamento e pode ser considerada como um complemento da sua decoração.

Parece, pois, um facto indiscutivel, que as primeiras manifestações artisticas da humanidade começaram pelos ornatos, e foi por elles que se desenvolveram as artes, seguindo depois uma progressão ascendente até se chegar á figura humana.

Estabelecido este principio, si quizermos seguir para o ensino do desenho um methodo racional e logico, a se adoptar nas nossas escolas, deveremos ter isto presente e ser pelos ornatos por onde se deverá começar a ensinar o desenho.

No Brasil, tem-se andado desencaminhado para se conseguir a educação artistica do povo.

Em logar de se crear uma escola de desenho apropriada e destinada a instruir as classes populares, permittindo a utilização, desde logo, desse conhecimento, para applicar as artes profissionais, e mais tarde ampliar este ensino, crearam sem mais preparo, uma Academia com o unico intuito de ensinar pintura, esculptura, gravura e architectura.

Isto, em um paiz novo, era prematuro. Foi o mesmo que se fundassem uma universidade sem ter antes estabelecido institutos secundarios, onde a mocidade pudesse preparar-se para entrar a estudar, com proveito, nos cursos universitarios. Desconheceram, portanto, as necessidades daquella época e não cogitaram das artes ornamentaes, « que eram as unicas que tinham cabimento naquella occasião ».

Para bem se julgar uma instituição e para que esta chegue a dar resultados, precisamos considerar o meio em que ella está estabelecida, ou falando a gyria moderna, consideral-a no tempo e no espaço; sejam estas instituições politicas, sociaes ou artisticas, e estas, mais do que aquellas, deverão ser consideradas sob este mesmo ponto de vista.

Entre nós, não devemos imitar servilmente o que se faz nos paizes da Europa: as instituições que de lá importemos, deverão serem primeiro estudadas, de modo que possam adoptar-se e se amoldem ao nosso meio.

Façamos, para melhor sermos comprehendidos, a seguinte hypothese: Supponhamos que a Escola de Bellas Artes de Pariz fosse trazida para aqui pelos ares, carregada pelos anjos, como foi carregada a casa de Loreto, e a installassem no centro da nossa cidade, com tudo o que ella contém, inclusive os mestres. Estou mais do que certo, que aquella escola não daria aqui resultados apreciaveis. Porque razão?—me objectarão. Porque o nosso meio é muito differente daquelle.

O nosso meio é composto de individuos que nada sabem de coisas de arte, e não têm preparo algum da materia, precisando começar por ter de aprender o A. B. C. do desenho.

Que poderiam aprender os nossos alumnos na aula de pintura, trazida para aqui de Pariz, onde o mestre falasse de maneira enygmatica como lá o faz e vou mostrar ?

Dissesse, por exemplo, a um : á sua figura falta character, e sem mais explicação, nem mais correccão passasse a outro e lhe dissesse : ao seu colorido falta qualidade e intensidade, e sem mais uma palavra, ao do lado : sua figura não tem conjuncto, e logo ao seguinte : a posição não está bem sentida, e assim como estes corrigem a perto de oitenta alumnos, no curto espaço de uma hora que dura a posse do modelo ! Si aqui se applicasse este methodo, ficariam os nossos alumnos interditos e mesmo não estariam aptos para fazerem as correccões que o mestre lhes indicava. Mas lá naquelle centro, vão os rapazes que já estudaram nas escolas de provincia, muitos delles pensacionados pelas suas respectivas cidades, preparados para comprehenderem e saberem executar o que aquelles mestres lhes dizem ; pois, o que vão aprender naquella escola, vem a ser a crystallisação do ensino artistico.

No nosso meio, o ensino deverá ser theorico e práctico ; o conselho deverá ser acompanhado da correccão manual, pois o contrario, daria só resultados negativos.

Está, pois, verificado, que as artes principia-ram a se manifestar pelos ornatos e deverá ser por estes, como já dissemos, que os discipulos deverão começar a aprender o desenho. E não será o ensino dado como habitualmente se faz : sentar se o professor no lugar do discipulo e corrigir em silencio o trabalho sem dizer uma palavra que des-perte no alumno uma sensação de arte. O professor não deverá limitar-se a corrigir o que tem

diante de si, será preciso que elle ensine ao discipulo a «vêr» e a comprehender antes de copiar um modelo qualquer : professor que não se contente em lhe dirigir a mão e sim saiba dirigir-lhe a intelligencia.

O methodo que propômos é o do professor, diante do modelo, explicar o que representa, seu nome, sua applicação nas artes e o logar que lhe corresponde na architectura ; depois destas explicações, o professor deverá desenhar á parte o modelo antes que os alumnos comecem a trabalhar, affim de que estes vejam representado por linhas o modelo que têm diante dos olhos em relevo e, mesmo, outras vezes, será preciso que o mestre faça na margem do papel do alumno o traçado da construcção. E será especialmente da construcção, que o professor deverá cuidar nos primeiros tempos, para em seguida passar a pureza dos contôrnos, e, quando adiantados neste estudo, proseguirem os alumnos estudando o claro-escuro; continuando com este methodo até o alumno ser senhor do desenho de ornatos, para depois emprender a copia da estatua.

Isto que acabamos de dizer, é relativo ao methodo que o professor deverá praticar no ensino. Quanto ao methodo propriamente dito, isto é, a serie de exercicios pelos quaes os alumnos deverão passar para aprender a desenhar, constarão do seguinte : Até á idade de 10 a 11 annos, desenhar a geometria linear a mão livre, depois desta idade schemas de solidos, solidos geometricos e objectos usuaes ; e feitos estes exercicios, estarão preparados para accometterem os baixos relevos. Estes, crêmos inutil dizer, que para as primeiras lições deverão servir os baixos relevos em que a linha recta predomine e tambem folhas estylisadas, para depois passar a modelos de curvas e linhas caprichosas, destes aos relevos, e por ultimo aos altos relevos em que se achem representados figuras e animaes.

E não será só para os alumnos aprenderem a desenhar que os ornatos nos servirão ; será também para a educação artistica da mocidade que deverá o ensino por elles começar. Assim, pois, antes de passarem aos cursos superiores de pintura, esculptura ou gravura, os alumnos precisarão fazer antes, um curso de composição de ornatos, durante um anno pelo menos, por ser este exercicio o mais proprio para desenvolver a imaginação. E' preciso nos convencermos que ninguem será artista sem possuir imaginação creadora : saberá desenhar com perfeição uma estatua, desenhar e pintar muito bem o modelo vivo ; mas, si não fôr dotado de imaginação e não souber compôr de modo a poder exprimir suas ideias por meio das fórmas, lhe succederá como aos que estudam humanidades : que poderão conhecer a lingua, as regras grammaticaes, as da rethorica, si não tiverem porém, ideias e não souberem coordenal-as, nunca serão escriptores !

Precisamos adoptar definitivamente este methodo, desenvolvendo o estudo das artes ornamentaes e exercitando com ellas as faculdades imaginativas dos alumnos, antes de passarem elles aos cursos superiores. Este é o caminho que se deverá seguir, si quizermos que não passe outro longo periodo de tempo infructifero como foi o seculo, que dentro de dois annos contará de existencia a Academia, hoje Escola Nacional de Bellas-Artes.

IX

CREAÇÃO DE UMA GALERIA DE ESCULPTURA ORNAMENTAL

Já foi indicado no artigo sobre o *methodo*, a necessidade de se estimular o estudo das artes ornamentaes, pois não só estas servirão para o estudo do desenho, como servirão, também, para

desenvolver as faculdades imaginativas dos alumnos. Além destes dois serviços, que as artes do ornato nos proporcionarão, ajudará ao progresso das artes professionaes e das industrias artisticas. Para se obter um resultado completo, será preciso que os nossos dirigentes zelem e vigiem o ensino que se dá na Escola de Bellas Artes, que este não seja feito para um pequeno grupo de individuos, como até aqui, e sim para o maior numero possível, de modo que as classes populares possam ir alli receber o ensino de que carecem.

As artes ornamentaes são as que mais se precisa desenvolver no actual momento; estas preparam os officiaes de todas as profissões, que os habilitam no desenho para serem mais perfectos nos seus diversos mistéres, o que não sómente servirá para elles ganharem melhor sua vida, como redundará em proveito de todos, fazendo os artefactos mais valiosos. Isto trará outras vantagens: os productos manuaes, feitos com intelligencia artistica, ao passarem as nossas fronteiras, irão mostrar ás nações visinhas o bom gosto que distinguirá os nossos artefactos.

E' sobradamente conhecida a importancia que as artes merecem nos paizes adiantados, e o que fazem aquelles governos pelo seu adiantamento. Nenhuma nação, mais do que a França, tem pugnado tanto pelo progresso das artes. Neste paiz, onde, como disse Taine, as bellas artes eram uma planta exotica, soube aclimatá-la e hoje está completamente enraizada. Hoje accode alli, de todas as partes do mundo, a mocidade avida de saber, pois as bellas artes, em França, têm attingido um grande apogêu, tendo chegado a deslocar o centro, que d'antes eram Roma e Florença, para Pariz, a cidade-luz.

Não é d'agora que a França tem esta sobresaliencia nas artes, já vae longe o tempo em que ella cultivava os gostos artisticos do povo. Foi devido a esse adiantamento attingido nas artes,

que a industria franceza obteve um enorme exito na 1.^a Exposição Universal effectuada em Londres no anno de 1851. Diferenciava-se das industrias dos outros paizes, pelo seu apurado gosto artistico, quo só se obtem pelo cultivo das bellas artes. A Inglaterra, em vista do exito alcançado pela França, reconheceu sua fraqueza e comprehendeu que consistia na falta que tinham de cultura artistica. Tratou, então, de dar impulso ás artes, estabelecendo o ensino do desenho em todas as cidades do Reino Unido, e dando a importancia que mereciam as applicações industriaes das bellas artes. Para dar, a par d'este ensino, um ponto de partida pratico e utilitario, que fosse por assim dizer, o seu centro, fundou o South Kensington Museum. Immensa collecção de obras d'arte: moveis, tapeçarias, artefactos, tudo quanto puderam encontrar de mais valioso e mais original de produções artisticas no mundo; bem como uma grande quantidade de moldagens tiradas das melhores obras d'arte que se encontram na Italia e em outros paizes. Alli, n'aquelle museu, vi o Portico da Gloria da Cathedral de Santiago de Compostella, considerada a obra mais perfeita e melhor conservada da idade media, que, quando eu era criança, uma Commissão Ingleza foi formar em gesso.

Aquelle é um museu colossal onde as melhores obras de arte que existem no mundo inteiro encontram-se alli reunidas e causam a admiração dos visitantes. Neste museu, os obreiros de objectos d'arte encontram um ensino proprio a suscitar seu genio profissional. Desde esse tempo, a Inglaterra progrediu a tal ponto que aquella, que d'antes tudo quanto fosse arte tinha necessidade de importar, chegou a dar aos seus artefactos, ás suas fazendas e mesmo ás suas modas, certa sobriedade e o cunho da mais pura distincção.

Por sua parte, a França, que com o exito al-

cançado na Exposição de 1851, tinha adormecido, ao perceber os progressos realizados pela Inglaterra em tão poucos annos, procurou, por uma série de medidas, desenvolver o estudo do desenho, acabando por decretal-o obrigatorio nas escolas de todas as communas. Mais tarde, creou o Museu de Esculptura Comparada do Trocadero, que, mesmo sendo muito importante, não chega a ser um Kensigton, mas seu fim é o mesmo.

Estes museus são escolas onde os artistas e obreiros vão estudar, e têm o mesmo objectivo que as galerias de quadros para os pintores. Nestes museus, o homem observador, depois de bem examinal-os, reflectir e comparar, chega á convicção de ser a arte uma só, e não deveremos considerar a grande arte differente das artes menores; sómente os elementos que entram n'aquella são escassos, em quanto que, nas artes menores ou ornamentaes, para seu arranjo e para a composição de seus motivos, existe maior numero de elementos tirados da flora, da fauna e mesmo da architectura. Por esta razão, uma composição ornamental é mais facil de se fazer do que um quadro historico ou um baixo relêvo de qualquer assumpto de figuras, os quaes sempre exigem uma acção determinada. Em summa, poderá a arte ter diversos aspectos, variar a materia, o assumpto, o destino mesmo da obra, porém, qualquer que seja o motivo, figura ou ornato, obedecem todos elles ao mesmo principio, sejam as artes maiores, as artes industriaes, as applicadas ou a arte decorativa.

No Rio de Janeiro, será necessario, não direi crear-se um museu como esses, mas sim, formar uma galeria de esculptura decorativa e ornatos de gesso, peças que podem ser adquiridas por modicos preços nos formadores de Roma, Florença e Pariz. A Escola de Bellas Artes precisa ser immediatamente dotada d'estes modelos, necesarios para os alumnos de architectura, os quaes,

para a ornamentação de seus projectos, têm que se servir das estampas por carecerem d'estes modelos. Tambem a aula de ornatos necessita d'elles, por constituir o seu principal e mais valioso elemento. São imprescindiveis para o ensino do primeiro anno do curso geral, que não deverá estar limitado ao estudo de pés, mãos e cabeças, como actualmente. E é, sobretudo, indispensavel, no curso geral, para aprenderem desenho os alumnos que se destinam ao curso de architectura, pois que, aprendendo a desenhar com os ornatos, ficarão familiarisados com estes elementos, que irão, mais tarde, servir-lhes no curso superior.

Em conclusão, precisa a Escola crear uma galeria de moldagens, em gesso, de ornatos escolhidos, taes como: capiteis de todas as épocas e estylos, frisos, arabescos, consolas, modilhões, florões, remates, cartuchos, escudos, paineis, figuras decorativas, animaes fantasticos, mascarões, vasos, candelabros, tropheus, etc. Tudo isto poderá ser collocado entre as estatuas, onde ha logar sufficiente: estes modelos não sendo em geral, de grandes dimensões. A galeria do fundo, onde estão penduradas as copias, poderá servir para installar objectos maiores, que mais tarde haverá necessidade de adquirir, como sejam: pias baptismaes, pulpitos, sarcophagos, crateras, etc. Além destes objectos, que na sua maioria são de estylo, renascença, poderiam-se ajuntar vazios de arte Inca e Azteca, pondo-nos para adquirir estes modelos, em correspondencia com as Academias do Perú e do Mexico: estes modelos seriam os elementos e o ponto de partida para a creação da arte nacional. Temos, tambem, nas egrejas de Ouro-Preto, muito bons especimens de esculptura ornamental, feitas pelo Aleijadinho, dos quaes poderiam tirar-se vazios interessantes, com os que ficaria enriquecida esta galeria de ornatos.

Cabe aos poderes publicos providenciar afim de prover a actual Escola destes modelos, com objecto de chegar-se a formar esta galeria de arte ornamental, por ser de tanta importancia, ou mais, do que a galeria de pintura. Porquanto, estes ornatos de todas as épocas e estylos servirão para o ensino dos alumnos da Escola, para o ensino das artes profissionaes e, em geral, para a educação do povo.

A Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro deverá ser o centro de onde irradiem as artes que irão expandir-se no Brasil: sejam as artes maiores ou as bellas, sejam as artes menores ou as ornamentaes.

O Governo não deverá poupar esforços, afim de melhorar e completar o ensino que se dá na nossa Escola Nacional de Bellas Artes, fazendo que esta seja, de agora em diante, util a todos.

X

CREAÇÃO DO TITULO DE PROFESSOR DE DESENHO

Em todos os paizes adiantados procura-se com o maior cuidado e desvelo diffundir o ensino do desenho, por se considerar o seu conhecimento de primeira necessidade na educação de todas as classes sociaes. Entre nós, infelizmente, a diffusão de um conhecimento tão necessario tem sido completamente descurado.

No Brasil, desde os tempos de D. João VI, o fundador da Academia de Bellas Artes, os governos nada fizeram de grande utilidade e de novo, em favor desta instituição: durante a Monarchia conservaram-n'a tal qual foi organizada e com o advento da Republica mudaram-lhe o nome. A velha Academia, chrismada pela Republica com o nome de Escola Nacional de Bellas

Artes, excluindo o desenvolvimento dado ao ensino de architectura, continuou a ser em seu fundo, ensino e disciplinas no novo regimen, pouco mais ou menos o que era no tempo do Imperio ou, para falar com franqueza, a mesma cousa.

Ora, fóra da Escola de Bellas Artes e do Lyceu de Artes e Officios, instituição particular e onde o ensino do desenho é deficiente, os governos até nossos dias nada têm feito de realmente proveitoso para a propagação e o desenvolvimento das artes do desenho.

E' verdade que, querendo se seguir as pégadas da França, introduziram nos cursos de instrucção secundaria o ensino do desenho; mas, pouco resultado se alcançou com a invocação, pela errada direcção dada ao ensino e organização de seu professorado. Collocaram nos estabelecimentos de ensino secundario para professarem essa disciplina, mestres sem a idoneidade precisa de sorte que, não sabendo ensinar, muitos desses professores tiravam o gosto de aprender aos alumnos, por converterem um estudo de si mesmo interessante e divertido, em estudo indigesto e aborrecido.

Não é, portanto, isto o que se devia ter feito, e é preciso que se mude de rumo para alcançar o fim desejado.

Nos estabelecimentos gymnasiaes mantidos pelo governo da União, como sejam o Externato Pedro II, Internato, o Collegio Militar, etc., bem como os mantidos pela Prefeitura do Rio e pelos governos Estadoaes, se deve ter em melhor consideração do que se tem actualmente o ensino do desenho, collocando-se no professorado pessoal competente que, além de bem conhecer essa arte, saiba ensinar e cumprir com os deveres de mestre, interessando-se pelo ensino e pelo aproveitamento dos alumnos. E, tambem, faz-se mistér provocar a emulação entre os professores desses diversos estabelecimentos, realizando-se annual-

mente, como se faz em Pariz, um concurso geral, com o fim de se verificar e de se poder avaliar os progressos realizados. Com o estímulo determinado por este concurso, é de esperar que os professores se esforcem por bem cumprir os seus deveres de mestre e, ainda mais, pelo adiantamento dos discipulos.

E' verdade que a falta de professores idoneos de desenho, que se sente nesses estabelecimentos, é devida, em parte, a não termos um professorado competente e farto, donde possam sahir os docentes para occupar as respectivas cadeiras. Dessa falta resulta que qualquer individuo, que saiba mais ou menos rabiscar, julga se apto para preencher esses logares e os governos, na falta de outros, os nomeiam para desempenharem o cargo de professor, prejudicando o ensino e o aproveitamento dos alumnos.

E', pois, imprescindivel dar um remedio e sanar esse mal, de consequencias tão desastrosas para o estudo do desenho; dahi, a necessidade de ser estabelecido entre nós o curso do professorado de desenho, o qual deve ser feito na Escola Nacional de Bellas Artes.

Para se conseguir este «desideratum», uma reforma se impõe ao actual regulamento da Escola, afim de ser creado o titulo de «professor de desenho» para o alumno que, tendo terminado um dos cursos de pintura, de esculptura ou de gravura, quizer obtel-o, obrigando-os, porém, a seguir um curso suplementar. Este curso, que deve ser de dois annos de frequencia, far se á na aula de ornatos, e ahi não só se estudará e se aprenderá a estylisar a flóra e a fauna brasileira, como tambem a fazer composições de ornatos em todos os estylos, de sorte a se completarem os conhecimentos, que deve ter um professor para leccionar com proficiencia a arte do desenho.

A ideia da creação desse titulo não é nova: o professor Amoedo, na penultima reunião do

Conselho Superior de Bellas Artes, aventou, em bôa hora, a necessidade de ser creado tal titulo, dando, aos que delle forem investidos, o direito de leccionar desenho nos estabelecimentos do Estado. E' preciso que a proposta do digno professor se torne uma realidade.

Precisamos que este titulo de professor de desenho seja conferido depois de provas, que tenham a seriedade que um titulo de tão grande responsabilidade exige.

Os aspirantes a esse titulo, depois de terminado o curso de uma das artes maiores e da frequencia por dois annos da aula de ornatos, devem satisfazer ás seguintes provas :

1º — Um desenho de ornato, copia do relevo.

2º. — Um desenho (academia) copia do antigo.

3º. — Uma academia, copia do modelo vivo.

4º — Uma composição ornamental sobre um assumpto dado, (painel, fonte, targa, vaso, etc., onde o emprego da figura humana seja obrigatorio) :

5º. — Provas oraes sobre pontos de anatomia dos pintores e de perspectiva.

Satisfeitas estas provas pelo candidato ao titulo de professor de desenho, estará elle habilitado a leccionar esta disciplina artistica em qualquer estabelecimento de ensino na Republica.

Mas não será só o proveito dos alumnos o beneficio colhido : a nova creação será uma garantia para o futuro dos alumnos da Escola, que ficarão com a certeza de que, si não puderem attingir o cume da arte, não ficarão ao desamparo e terão um meio para sua manutenção como professores de desenho, concorrendo, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento e propagação deste conhecimento e, consequentemente, das artes no paiz.

Os governos deverão prestigiar este titulo, dando preferencia aos que o tiverem sobre outros.

candidatos, para obtenção das cadeiras de desenho, não só nas escolas militares, gymnasios, escolas profissionaes, como tambem nas escolas municipaes do Districto Federal e nas dos diversos Estados da Republica.

O estudo do desenho deve merecer a mais carinhosa protecção por parte do governo, afim de espalhar e desenvolver o gosto artistico tão necessario a todos os que se dedicam, quer ás artes maiores quer ás artes menores, desenvolvimento este que trará fatalmente o aperfeiçoamento das industrias nascentes do Brasil.

E' um conhecimento de utilidade indiscutivel para o exercicio de qualquer profissão, e mesmo a qualquer individuo, visto ser um meio seguro de se grapharem certas ideias, de maneira que um rapido lance de vista as faça comprehender com a maior clareza. E nenhuma profissão tem mais necessidade de conhecer desenho do que a do engenheiro; apesar de ser o seu estudo tido na nossa Escola Polytechnica em pouca conta e até olhado com descaso pelos alumnos, que não prevêem os apuros em que se encontrarão depois de formados, sendo obrigados, muitas vezes, a se socorrerem de um desenhista para lhes fazer as plantas.

Como poderão, com effeito, os engenheiros, desconhecendo o desenho, mostrar no papel uma concepção ou um projecto por meio de um «croquis»? Não será possivel, e terão elles necessidade de se utilizarem da regua e do compasso, para mostrarem graphado o seu pensamento, ao passo que, si soubessem desenho, poderiam fazel-o em poucos minutos a mão livre.

Mas, não é só a execução do «croquis» que justifica a necessidade do engenheiro saber desenho, esta se torna imprescindivel desde que se reflecta que este profissional faz tambem architectura. Como poderá ser elle architecto de valor, si não conhecer perfeitamente o desenho de or-

atos, para fazer os detalhes da ornamentação com que decorará a fachada do edificio projectado?

Não será possível, se desconhecer o desenho terá de apresentar um desses projectos que se encontram feitos nos livros, e nunca projectará qualquer cousa de seu que tenha originalidade e cunho proprio.

Esta digressão acerca da necessidade que tem o engenheiro de saber desenhar, tem por fim pedir á Congregação da Escola Polytechnica que faça incluir nos exames de admissão dos alumnos, a prova de desenho de ornatos, como uma das materias, cujo conhecimento é importantissimo para quem tenha de entrar para aquella Escola e frequentar lhe os cursos.

Em resumo, a criação do professorado de desenho é de uma necessidade indiscutivel para que se colha do seu ensino todas as vantagens com que se deve contar para o desenvolvimento das artes e das diversas profissões no Brasii; faz-se mister, pois, organizar o curso especial, afim de se poder titular como professores de desenho, com as prerogativas lembradas, aquelles que o tiverem frequentado e satisfeito as provas finais, que demonstrem competencia incontestavel.

XI

DO PROFESSORADO E DO ENSINO

Todo o estudante que chega ao fim de seus estudos e acaba de se formar e de obter seu titulo, qualquer que seja a carreira, está disposto a tirar partido do que aprendeu; o que é mais do que justo. Succede, porém, que muitos destes moços têm a pretensão de egualar seus mestres e muitos pretendem prematuramente occupar as altas posições.

Nos paizes novos como o Brasil, onde ainda ha muito que fazer para se chegar ao desenvolvimento que o estado actual da civilisação requer, a mocidade alimenta as aspirações dos homens maduros, sem possuir nem o seu saber, nem a sua experiencia. D'ahi verifica-se que qualquer estudante, apenas deixou de se sentar nos bancos academicos, julga-se já competente para se sentar nas cadeiras de professor de qualquer estabelecimento superior, sem antes examinar si tem ou não saber e aptidão para bem desempenhar a ardua tarefa do magisterio.

Para o exercicio do professorado é necessario reunir-se qualidades especialissimas, que nem a todos é dado possuir. Não basta o conhecimento profundo da materia de que trate a cadeira para ser real a competencia do professor; é preciso que elle saiba explicar o que sabe, e transmitir o com facilidade e lucidez aos cerebros dos jovens alumnos; o que só se consegue depois de muita practica e longo tirocinio.

Os homens, nas diversas categorias sociaes, tem aspirações e appetites insaciaveis: ninguem faz contas da sua idoneidade para exercer este ou aquelle emprego, e só se preocupa com as vantagens que delles podem tirar. Em lugar de ser o individuo que, pelo seu saber, seus escriptos e mais trabalhos feitos num periodo de tempo sempre relativamente longo, chega a galgar uma posição a exercer um cargo e honral-o, na maioria dos casos é o cargo que honra o individuo. Infelizmente isto é o que está acontecendo entre nós e, se não mudarmos de caminho e continuarmos a trilhar esta estrada perigosa, o ensino deixará muito a desejar.

Felizmente a lei Rivadavia, exigindo o concurso de habilitação para a obtenção dos cargos do professorado, veio preencher uma lacuna, que de longo tempo se fazia sentir entre nós. E' de esperar que, no futuro, esta lei seja conservada no

tocante ao provimento das vagas que se derem no professorado, e que as reformas a vir, não sejam o pretexto para se permittir a entrada no magisterio aos incompetentes; ao menos, para não se ter de lamentar que, em alguns centros de instrucção, os alumnos percebam a fraqueza de alguns mestres.

Nas Bellas-Artes esses casos não terão logar, porque, além da real competencia dos pretendentes para entrarem como professores da Escola, ter-se-á o Conselho Superior para intervir na sua escôlha. Será este Conselho constituido como poder regulador, quem deverá referendar as nomeações dos docentes das disciplinas artisticas, para o effizaz progresso das artes no Brasil.

Os professores dessas disciplinas, além da competencia artistica que devem ter, precisam tambem ter competencia para ensinar as artes do desenho. Neste ensino, não se deverá limitar a simples explicações e a corrigir verbalmente os trabalhos, porque com essa explicação verbal de coisas que os alumnos nunca viram nem fizeram, não poderão elles chegar a comprehendel-as. Nestes casos só o exemplo e a correcção pratica podem ser o unico processo para que penetre nas intelligencias este conhecimento: a palavra de nada vale.

O ensino do desenho deverá, portanto, ser pratico no seu principio e assim poder-se-á chegar a resultados efficientes, porque, quando um rapaz começa a desenhar, é preciso que o mestre venha em seu auxilio fazendo-lhe o traçado da construcção. Proceder de outro modo, seria fazer-lhes perder um tempo por demais precioso: *Ars longa vita brevis*, é o preceito hypocratico que tem applicação a outras artes que não seja a medica. «Aprender muito no menor tempo possivel», é o conselho que dou aos meus alumnos e é o lemma que me guia no ensino.

Não é só para o ensino do desenho que estes

principios deverão servir de guia: para a pintura, para a esculptura e para a gravura são elles necessarios. Pois não é possível que um rapaz entre para a aula de pintura e o professor lhe entregue as tintas e diga:—pinte—sem nunca ter elle pegado em um pincel!. E' necessario que o professor dê previamente uma explicação da theoria das côres, do emprego das tintas e, sobretudo, tome o pincel e pinte para o alumno conhecer o processo de pintar. Na esculptura, tambem, o professor precisa tomar o barro e modelar para ensinar aos discipulos. E, quando estes, já adiantados, estejam interpretando o natural, é imprescindivel que o mestre toque no trabalho: o sentimento de uma linha, o modo de fazer *cantar* uma forma, um acerto, o professor não as fará entender ao alumno com palavras e sim com a correcção manual. Mestres conheço, que se gabam de não pôr as mãos nos trabalhos de seus discipulos; estes professores, é triste dizer, não sabem ensinar e, devido a este absentismo, não têm conseguido resultados apreciaveis dos seus alumnos.

Estes professores incapazes, que nada ensinam e onde os rapazes perdem seu precioso tempo, quando chega o fim do anno escolar, são os mais prodigos em recompensar os trabalhos de seus alumnos, carecendo mesmo de merecimento. Querem com isto botar poeira nos olhos do público, enganando aos proprios rapazes fazendo-lhes conceber esperanças que nunca se poderão realizar. Tenho notado na minha vida de artista e de professor, que nas instituições onde o ensino é nullo, quando chega o fim do anno e se faz a festa da distribuição de premios; são medalhas de ouro, de prata, de bronze e menções que é um nunca acabar, e tudo isto é o espectaculo theatral de instituição, para illudir o público e as autoridades.

O ensino das bellas artes é muito trabalhoso,

por ser este ensino pessoal e precisar a cada momento o professor ter necessidade de corrigir com a mão onde a simples palavra não basta.

E' na Allemanha onde melhor se comprehende o ensino da pintura: algumas vezes tenho visto em *Illustrações* a gravura de uma cabeça com o distico: « Cabeça pintada pelo professor X, em sua aula », o que quer dizer que o mestre dá o exemplo, pintando para seus alumnos apreciarem o processo de pintar. Tambem sei que na mesma Allemanha ha escolas de bellas artes, onde ensinam a fazer um quadro, tendo *ateliers* dentro das escolas á disposição dos alumnos para que estes os executem: Seria conveniente estabelecer-se na nossa Escola tal methodo de ensino.

Quando, em 4 de maio de 1891, fui nomeado professor interino de modelo vivo, depois de haver renunciado o cargo vitalicio de professor das escolas de segundo gráo, para cujo logar tinha sido nomeado pelo ministro Benjamin Constant, e fui leccionar naquella aula, vi que os alumnos interpretavam sem energia o modelo, e, por mais explicações e esforços que fizesse para me fazer comprehender, vi continuar a tibieza dos alumnos. Resolvi, então, dar o exemplo, pondo-me a desenhar com os rapazes, e, em pouco tempo, elles seguiam a bôa escola de desenho que eu havia adquerido em Pariz com meu professor Lehmann, por sua vez um dos bons discipulos de Ingres.

Compreendi desde então a necessidade que o mestre tem, para bem ensinar, de dar o exemplo e, quando a aula, a meus reiterados pedidos, passou a funcionar á noite, continuei com o mesmo systema de ensino até partir para a Europa em maio de 97.

Não ha duvida, o methodo de ensino, a seguir-se com os alumnos que estudam bellas artes, deverá ser intuitivo, deve entrar pela vista e não pelos ouvidos. A belleza não tem definição,

não ha explicação verbal possível para ella. Uma bella estatua, não ha linguagem por mais imaginosa que seja que a possa descrever, e o mesmo succede com todo trabalho artistico. As explicações são insufficientes.

O professorado das disciplinas artisticas, direi para terminar, é um sacerdocio para o qual se precisa possuir as virtudes dos missionarios: muito saber, geito e paciencia.

XII

DO NOSSO MEIO

O nosso meio justifica a necessidade que advogamos de serem propagadas nas classes populares e nas mais illustradas o conhecimento das artes do desenho.

A observação do desenvolvimento artistico das nações nos diversos periodos historicos, tem estabelecido com a maior evidencia, que as artes só florescem nos periodos de paz, prosperidade e riqueza. Foi em taes periodos que as classes dirigentes e as massas populares, sob o influxo dessa lei que rege as multidões, reunindo todas as vontades na direcção de um fim unico, como disse notavel pensador, fizeram nascer as artes encaminhando todas as vontades para a realisação de um ideal. A causa determinante dessa reunião harmonica de vontades foi a erecção de um grande monumento, templo ou palacio, que consubstanciasse o pensamento dominante da nação. E nessas construcções os architectos traduziram as aspirações do momento revelando qualidades de serem artistas notaveis.

Assim se deu na Grecia, onde a arte chegou a seu apogeu, no tempo de Pericles, com a construcção do Parthenon, grandiosa obra dos architectos Callicrates e Ictinos; na Roma papal

com a construcção da igreja de S. Pedro e as decorações do Vaticano; em Florença, com a de Santa Maria dei Fiori e o Baptisterio, etc. ; em toda a Italia, emfim, onde a construcção de seus grandes monumentos fez progredir as artes. Em França, as construcções do Louvre e das Tulherias e, mais tarde, as do Pantheon, Magdalena e de tantos outros monumentos, contribuíram para o desenvolvimento das artes. E, para não nos alongar mais com citações, assignalemos só a construcção em Londres do palacio de Westminster, projecto do architecto Sir Charles Barry, escolhido dentre os noventa e sete (97) concorrentes, construcção essa que foi o ponto de partida do resurgimento das artes na Inglaterra.

D'ahi se vê que as artes sempre se desenvolveram parallelamente ás construcções dos grandes monumentos architectonicos.

Infelizmente, no Brasil estamos longe desse estado adiantado e prospero que se faz mister para o desenvolvimento das artes.

Só ha pouco tempo tiveram inicio no Rio construcções de grandes edificios com a abertura da Avenida Rio Branco, que podem ser considerados como o alvorecer do dia em que a belleza artistica resplandecerá entre nós. Por outra parte, a falta de riquezas cumuladas e de fortunas solidas, não permittiu attingir o almejado desenvolvimento artistico.

O nosso público tem ideias muito vagas em relação ás artes, e não sabe dar-lhe o devido valor por falta de gosto. D'ahi, não saber distinguir dentre os monumentos que se erguem na nossa cidade, os que têm algum merito artistico dos que não tem nenhum, resultando desse facto a indifferença com que examina os monumentos ou edificios levantados nas nossas praças, silenciando sobre o seu merito artistico e não louvando nem censurando a obra, seja ella boa ou pessima. Por falta dessa educação, confunde o architecto com

o engenheiro; ignóra que o architecto é um artista em toda extensão da palavra, a base de seus estudos são as artes do desenho. Precisa do talento inventivo para fazer o alçado das fachadas, conhecer o ornato a fundo para desenhar os detalhes de toda a ornamentação exterior e interior do edificio e não termina nisto o seu mister: dirige os esculptores dando lhes as silhuetas das estatuas e grupos que ornamentam o edificio, e aos pintores a mancha geral das decorações internas que elle achar mais apropriadas para completar sua obra. Isto é ser um architecto!

Aqui a ignorancia é tal nesta materia, que até bem poucos annos os mestres d'obras eram os architectos do Rio de Janeiro.

Se, de um lado, no nosso meio ha falta de gosto artistico, por outro o Rio é uma cidade commercial onde não existem grandes fortunas. A vida commercial é toda de actividade, de lucta e de sobresaltos, de sorte que, por mais culto que seja o espirito de alguns negociantes, a maioria pouca attenção pode prestar as bellas artes, concentrando-se ella na preocupação dos negocios. E' verdade que alguns, entretanto, apesar dos cuidados diários da vida commercial, não deixam de ter gostos artisticos, empregando parte de seus rendimentos na compra de pinturas e objectos de arte. Os que assim procedem são poucos, mas não se lhes devem regatear os louvores e cumpre proclamar-os benemeritos.

Não é a indifferença do meio, que prejudica ao desenvolvimento das artes entre nós, é tambem o espirito commercial dominante que faz considerar a aquisição de uma obra d'arte como um negocio do qual auferirá um certo lucro, revendendo-a mais tarde. Assim é commum vêr-se entre esses amadores negociastas, andarem muitos annos a espreita para comprar um quadro de certo pintor que lhes falta na galeria para adqueril o barato em um leilão.

Em um meio desta natureza, onde ao lado da indiferença geral, os amadores são, com raras excepções, compradores que pensam especular com as produções artisticas, não é possível que os artistas prosperem, tanto mais que, além desses males, ha a preferencia dos colleccionadores para as obras estrangeiras, para cuja adiquisição não trepidam em gastar contos de reis, quando se negam a gastar quinhentos mil reis por um trabalho de valor, feito no paiz, menospresando assim nossos artistas alguns delles de merecimento.

Um outro mal importantissimo que impede o desenvolvimento das artes no Brasil é a falta de fortunas e a pouca solidez nas existentes.

As artes só podem prosperar onde ha luxo, conforto e excesso de riquezas que proporcionam ao homem tudo quanto póde desejar na vida: ambições, gosos, desejos, etc., que depois de satisfeitos deixam em seu coração um vazio, que não póde ser preenchido senão pelas lettras ou pelas bellas artes. Neste estado d'alma, os gostos artisticos fazem officio de calmante, e as artes servem de alimento e conforto espiritual.

Este publico privilegiado, favorecido pela fortuna, é raro no Rio de Janeiro e, se alguem se acha nestas condições, não fica infelizmente no paiz, indo procurar além satisfacção a novos desejos. Os que aqui ficam e formam galeria, apesar de seu pequeno numero, estão sujeitos aos revezes da fortuna por ser instavel a riqueza entre nós, resultando de tal situação ir a leilão uma galeria de quadros feita com muito esforço e fadiga.

Estes casos, que são excepçionaes em outros paizes, aqui se têm repetido constantemente.

Ha por outro lado amadores aos quaes falta gosto e discernimento, não sabendo distinguir uma repetição de um trabalho original; outros peor ainda, não põem duvida em collocar um

chromo entre quadros a oleo: felizmente estes casos vão sendo mais raros.

Não é ainda isto o nosso maior mal; nosso mal está no jornalismo que tem a missão de dirigir e esclarecer a opinião pública, e não a dirigem nem a esclarecem em materia d'arte, por lhes faltarem os conhecimentos precisos para fazerem critica artistica.

Dessa falta de conhecimentos resultam esses elogios encomiasticos, que todos os dias vemos estampados nos jornaes aos nossos artistas, quer tenham produzido obra de merito, quer não. Em ambos os casos os elogios são feitos em termos empolados, achando os criticos tudo sublime, principalmente quando se trata de amigos ou de conhecidos, sem attenderem que muitas vezes esses elogios são prejudiciaes, quando recaem sobre um espirito fraco, sem bastante discernimento para lhes dar o devido valor, e os toma como a expressão da verdade, julga ter attingido a meta de seus esforços e não precisa mais estudar. Não fica nisto o seu desplante. Tenho visto, depois de elogios merecidos a um artista, na mesma columna, outra tirada identica a outro que não presta para nada. Que quer isto dizer? Quer dizer que entre nós não temos criticos que possam ter dignamente esse nome, pela simples razão de que o nosso meio carece de instrucção artistica.

Aqui, qualquer reporter mette-se a critico, da noite para o dia, como si fazer critica de arte fosse coisa facil. Tenho conhecido destes criticos que tinham tanta consciencia do que iam escrever, que, nas vespervas da abertura da Exposição Geral de Bellas Artes, me faziam esta singular pergunta: «Diga-me, depois do seu trabalho, qual o que acha melhor?»

Os criticos de arte na Europa não são sómente escriptores, são conhecedores que estão ao par do movimento artistico actual: vendo museus, galerias públicas e particulares, os salões e todas

as exposições d'arte que se fazem nos demais paizes da Europa. E isto não se faz n'uma semana, nem n'um mez, nem n'um anno; isto só depois de longo tempo, de ver e estudar muita obra bôa, é que se vai formando o gosto e conhecendo a arte nas suas diversas manifestações. Muitos d'estes criticos não sabem só manejar a penna, tambem manejam o pincel, porque, como disse Puvis de Chavannes: «Para criticar pintura é preciso saber pintar».

Os criticos, além do que vai dito, formam-se na escola pratica dos *atelieres*, pois acham se em contacto constante com os artistas onde se discute da arte em geral e das suas escolas em particular, dissecando com o escalpello da critica as diversas produções artisticas, é ahi que se aperfeiçoam o senso e o gosto artistico dos criticos, permitindo-lhes formular, na imprensa, um juizo que possa orientar a opinião pública.

Quão diferente é o preparo dos criticos da nossa imprensa!

Do que explanamos relativamente ao nosso meio, resulta que a vida precaria que arrastam as artes entre nós, é devida á falta de cultura artistica nas classes illustradas, e que faz-se mister propagar e desenvolver o estudo das artes do desenho, para corrigir esse mal e melhorar o gosto artistico que nos falta.

XIII

PROTECCÃO A'S ARTES

Para que as artes possam desenvolver-se e progredir, é necessario que os poderes dirigentes lhes prestem auxilio, protegendo-as, e ao mesmo tempo protegendo os artistas. Estes, sem o alento dos poderes públicos, nada de elevado e de bom podem produzir: terão de se occupar da

parte material da existencia, esgotando suas forças improfitamente e, gastas estas no trabalho para satisfazer as necessidades da vida, não lhes restará a vitalidade precisa para se entregarem á labuta constante e esforçada que exigem os trabalhos da imaginação.

Por estas razões, as artes tiveram cultores, que ampararam os artistas, distinguindo-se, dentre elles, os poderes dirigentes da antiga Grecia.

Foi assim que Pericles, o personagem mais influente de Athenas, dispensou seus favores a Phidias, encommendando-lhe o frontão do Parthenon. Tambem o grande Alexandre distinguio o pintor Apelles, e aquelle conquistador não permittiu que outro pintor fizesse o seu retrato. O rei da Macedonia, Demetrio, foi o protector do pintor Protogenes. Contam de Demetrio este curioso episodio: no cerco de Rhodes, Protógenes, que tinha o seu *atelier* nos suburbios daquella cidade, continuava a trabalhar sem se preoccupar do rumor dos combates. Demetrio, admirado, foi visital-o e perguntou ao artista si não temia os insultos de seus soldados. A esta interrogação, o pintor respondeu: « que não tinha temor algum, pois sabia que elle fazia a guerra aos rhodenses e não ás bellas artes »

Na época moderna, conhecidos são os nomes dos papas Julio II e Leão X, celebrisados na historia, pela protecção que dispensaram ás artes. Clemente XII notabilisou-se por ter feito executar o Juizo Final por Miguel Angelo e, em geral, todos os papas se esforçaram, naquelles tempos, em prestigiar as artes.

Ao mesmo tempo que em Roma se construíam aquelles grandes monumentos que hoje admiramos, em Florença os Medicis faziam trabalhar os artistas e foram os Mecenas das artes. Não se contentaram em dar lhes encommendas artisticas, tambem lhes concederam pensões para poderem entregar-se desafogadamente e darem

livre curso á sua imaginação. Todos os principes das diversas regiões da Italia, nesses tempos, protegeram as artes, e foi graças a essa protecção que, naquella epoca de collosaes e incessantes trabalhos ellas puderam resurgir: epoca venturosa essa, a que denominaram de Renascença.

Não foi só na Italia, que este movimento em favor das artes se operou: foi tambem na França, ao tempo de Francisco I, que acolheu alguns artistas italianos e o mais talentoso d'elles, Leonardo de Vinci. Desde aquelle tempo, a França não tem deixado de protegê-las e assim permittiu que ellas attingissem o esplendor actual.

A casa de Austria, na Hespanha, foi a protectora das artes, destacando-se dentre os soberanos Filipe IV. Este rei, sendo amante das artes e cultor da pintura, protegeu as letras e os artistas, e conta-se que, para ennobrecer Velasquez, pintou no peito do retrato do grande artista, que figura no quadro das «Meninas», a cruz da ordem militar de Santiago.

Em tempos mais modernos, sabemos como Napoleão accumulou de honrarias a pleiade de artistas francezes e o grande Canova.

No ultimo quartel do seculo passado, a França, no Ministerio Gambeta, creou o Ministerio das Bellas Artes, que, si teve ephemera duração, demonstrou a importancia que lá as artes merecem. Si nas outras nações não se estabeleceu esse ministerio, em todas se instituiu a Direcção Geral das Bellas Artes, com repartições que se occupam de seu fomento e progresso, zelam pelos estabelecimentos de ensino artistico, museus e galerias, e tambem distribuem entre os artistas os trabalhos de arte, que o Estado precisa para completar seus monumentos.

Aqui, no Brasil, onde o meio como superabundantemente provei no meu anterior artigo, é tudo o que ha de mais indifferente e

apathico para as coisas de arte, é imprescindivel que o Governo preste sua decidida protecção, por uma serie ininterrupta de medidas encaminhadas a estender o ensino das artes do desenho, de modo a que chegue a ser, elle, uma realidade no Brasil.

Para obtenção de fim tão util, será necessario pôr-se em pratica as reformas que tive a honra de suggerir nesta serie de artigos e, depois de se apreciar os resultados, que, nutro a esperança, serão satisfactorios, amplial-os no futuro; porque as ideias que hoje nos parecem adiantadas, dentro de vinte annos podem ser insufficientes e até atrasadas.

A nossa Escola de Bellas Artes não deve ter como unico intuito fazer artistas para exercer a grande arte, esta escola, situada no Rio de Janeiro, deve ser o centro de onde irradie a cultura artistica a difundir-se no paiz e que, por sua vez, aperfeioará o gôsto nas fabricas e nas officinas, não deverão ser somente os que se querem dedicar á grande arte que a devam frequentar; deverão fazel-o tambem os decoradores, marmoristas, entalhadores, ourives, etc., que nella adquirirão os conhecimentos que irão depois applicar nas suas varias profissões.

Os governos em todos os paizes redobram de cuidados para que as artes não decaiam, pois conhecem fartamente a sua influencia, por contribuirem ellas para a prosperidade pública e privada, sendo o principal esteio das industrias e manufacturas. Aqui, os nossos governos, deverão cuidar, mais do que tem feito seus antecessores, do adiantamento das bellas artes e, com especialidade, das artes ornamentaes, dando-lhes o logar de preferencia a que ellas tem direito, por serem as que mais se precisam desenvolver em um paiz novo como é o Brasil.

Com o intuito de desenvolver as artes ornamentaes, já falei no meu terceiro artigo de se

transformar uma das aulas de pintura da nossa Escola, em aula de pintura decorativa. Com o fim de que as classes populares pudessem ter entrada nos cursos, pedi que se restabelecesse a livre frequência na Escola Nacional de Bellas Artes. Fiz comprehender a necessidade de se crear um curso nocturno, afim de preparar a mocidade para entrar aos cursos das disciplinas artisticas da Escola, e aproveitar para esse fim da aula de ornatos. Para que este curso não seja uma instituição esteril e para se conseguir que dê resultados, pedi a creação de uma galeria de esculptura ornamental, por consideral a de um alcance incalculavel, e que sem ella nada se poderá conseguir de proveitoso. Outras medidas tenho apontado, como sejam a melhor utilização da aula de modelo vivo e a creação do titulo de professor de desenho. Tudo isto servirá para que a Escola Nacional de Bellas Artes seja uma instituição viva e fecunda com uma direcção adequada e que seus fins estejam ao par do nosso meio.

O Governo Provisorio, fazem 24 annos, poderia ter feito algumas destas reformas, si houvesse sido melhor aconselhado. Contentou-se em mudar o nome de Academia para o de Escola e substituir lhe os professores; mas, as disciplinas ficaram sendo o que dantes eram. O governo n'aquelle então, si houvesse comprehendido para o que serve e como devia ser feito o ensino das bellas artes, teria realizado algumas das reformas que indiquei, e hoje estaria mais adiantada a cultura artistica no Rio de Janeiro.

A protecção, que o Governo precisa dar, não deverá ser para melhorar as aulas de pintura, esculptura e gravura, pois estas não poderiam ser no passado, nem poderão ser no futuro, outra cousa do que ellas são actualmente; a unica correcção que precisam, é mudar-lhes o regimento interno e esse assumpto já foi tratado prolixamente no meu primeiro artigo. A protecção que

pedimos é para as artes ornamentaes, que nunca foram tomadas em consideração, nem pelos Governos, nem pelo Director daquelle estabelecimento, que nunca cogitaram da sua necessidade no nosso paiz. Esta necessidade é a que temos a honra de ser os primeiros a indicar, plantando, por assim dizer, um marco, que, esperamos, será o inicio de uma nova era para as artes e será proveitosa para todo o Brasil.

Em summa, achamos que a pintura decorativa deverá participar dos mesmos beneficios das outras disciplinas da Escola, incluindo-a na mesma categoria daquellas, fazendo-a participar dos premios de viagem e, tambem, das bolsas de viagem das Exposições Geraes. Quanto á pintura, esculptura, gravura e architectura, bastará restabelecer a verba de trinta contos que foi supprimida o anno atrazado, com o que a grande arte não ficará em lisongeiras condições, porém, será melhor que não ter nada.

Volte se a repôr essa verba que por si não é consideravel, e que não irá desequilibrar as finanças da nação.

Essa verba era destinada, pelo regulamento do Conselho Superior de Bellas Artes : dois terços para a compra de obras d'arte na Exposição Geral, e o outro terço á disposição do Ministro do Interior, para identico fim. Faz dois annos, este regulamento foi posto em vigor, empregando se os vinte contos de réis em compras de obras na Exposição Geral, e beneficiando-se com esta medida muitos artistas. Estas compras são feitas pela Comissão Directora da Exposição Geral, eleita todos os annos pelo Conselho Superior de Bellas Artes. O anno passado, a verba tendo sido supprimida, ficaram sem este recurso os expositores, e é de extranhar que estivesse tão concorrida a Exposição, o que attribuimos a ignorarem, provavelmente, muitos dos expositores esta suppressão. Para a Exposição proxima, si esta verba

não fôr restabelecida, muitos artistas deixarão de concorrer e, pouco a pouco, a nossa Exposição annual, em lugar de progredir, irá definhando.

Cabe aos poderes publicos vir em auxilio das artes restabelecendo essa verba. Lance o Governo um olhar pela historia e esta lhe dirá quantos sacrificios de dinheiro têm feito as nações adiantadas para attingir o apogêo artistico em que hoje se encontram. Cuide-se aqui, no Brasil, deste ramo do saber humano, indice em todos os tempos da grandeza das nações.

XIV

PARALLELO ENTRE O ESTATUTO DA ANTIGA ACADEMIA E O ESTATUTO DA ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

Muitas descobertas foram o resultado do acaso; isto tem succedido em todos os tempos, em que os homens perseguindo um objectivo encontram, ás vezes, inesperadamente, outro maior, como aconteceu com Christovão Colombo: um caso semelhante effectuou-se commigo tempos passados.

Encontrando no Largo da Carioca meu amigo, o dr. Leão de Aquino, convidou-me a acompanhá-lo ao Convento de Santo Antonio, onde fôra chamado para visitar um padre doente. Accedi gostoso, aguçado pela curiosidade de visitar, no Rio, o interior de um convento, pois desde que estivera em Assis, e lá visitara os Carceres de S. Francisco, nunca mais havia tido occasião de entrar num desses retiros. Galgamos o caminho que margeia o Ferro Carril Carioca, e, chegando á portaria do convento, meu amigo puchou a campainha. Um padre, typo de hollandez, veio abrir a porta, e disse-nos que o doente estava no andar superior. Subimos a espaçosa escadaria

e, na sala da entrada, encontramos tres padres; um delles era frei Diogo, o superior do convento, que me impressionou profundamente por parecer-me uma evocação de outros tempos.

Este padre, de corpo esquelético, tem uma cabeça de anachoreta; na face descarnada desenhavam-se os ossos, não deixando por isso de ser seus traços regulares e ter belleza; em seu manso olhar transparece uma alma virgem; despreendendo-se d'elle uma mística beatitude e sendo o seu trato de uma meiguice captivante. É uma figura de asceta, só comparavel com as imagens que, do seraphico S. Francisco, pintaram Giotto e seus discipulos, na igreja militante da cidade Assis: a frei Diogo, só faltam os estigmas, para ser a revivencia d'aquelle celebre santo!

Emquanto meu amigo ia ver o doente, conduziu-me frei Diogo, com simples e placidas maneiras, a uma vasta sala, onde os retratos dos frades mais notaveis do convento, pendurados ás paredes, pareciam de todos os lados interrogarme. Movido pela minha curiosidade de artista, acerquei-me para olhal-os detalhadamente, e, ao deparar com frei de Mont'Alverne, exclamei: Este foi, ao que dizem, o maior orador do Rio de Janeiro!

— Sim, é verdade — respondeu frei Diogo — e tão considerado foi, que até o fizeram membro da Academia Imperial das Bellas Artes! Conser-vamos aqui o diploma e cartas de Porto Alegre, com quem se correspondia. »

Mostrei desejos de conhecer taes documentos, e o padre foi buscal-os. Não se fez muito esperar; os padres têm tudo methodicamente organizado; após alguns minutos de espera, estava de volta com um pacote. Abriu-o, e mostrou o diploma alludido, assignado «Porto Alegre, director, e Mafra, secretario, anno de 1855.»

Tinha mais algumas cartas, e outras folhas dobradas, que pelo tamanho pareciam ser outro

diploma; desdobrei-o, e qual não foi minha surpresa. ao lêr: « Estatutos da Academia das Bellas Artes !

Comecei a examinal-o e vi, que fora das aulas de pintura, que uma era pintura historica e a outra paisagem, flôres e animaes, o restante, exceptuando a musica, era mais ou menos a mesma organização da nossa Escola. Mas, continuando a leitura, vi o Titulo IV, que trata dos trabalhos academicos e dizia: Art. 10. « A Academia das Bellas Artes, no desempenho dos fins de sua instituição, e no intuito de promover o progresso das Artes no Brasil, de combater os erros introduzidos em materia de gosto, e de dar a todos os *artefactos da industria nacional* (*) a conveniente perfeição, e, emfim, no de auxiliar o Governo em tão importante objecto, etc. Por aqui vê-se, que os directores da antiga Academia, naquelle tempo, comprehenderam a necessidade de se dar uma orientação de utilidade pratica e immediata, ao ensino das bellas artes.

Não fica nisto só, pois continua na Secção II Art. 18 que diz: « A aula de desenho geometrico será dividida em duas series: a 1.^a complementar da cadeira de mathematicas constará do desenho linear: a 2.^a de applicações especiaes do mesmo desenho a industria conforme a *profissão ou destino dos alumnos*. » O espirito deste artigo, está de accôrdo com as ideias expostas nos meus escriptos e eu redigiria tal qual si, por supposição, o Governo me encarregasse de reformar o actual regulamento, que rege a Escola Nacional de Bellas Artes.

Continuando o exame destes Estatutos, depa-ramos e lemos na Secção III Art. 20: « Na aula de desenho de ornatos architectonicos e industriaes, etc. e o mesmo diz o Art. 23, relativo a esculptura de ornatos.

(*) Os gryphos são do autor.

No Art. 24 lê se : « A Arte Ceramica, no que é relativo ao estudo das formas e ornamentos dos vasos, tambem será ensinada nesta aula, bem como a arte de modelar e *esculpir plantas e animaes*. Art. 25. O professor d'esta cadeira procurará por si, e por conselhos de pessoas habilitadas, melhorar entre nós a dita Arte, não só no tocante á belleza, arranjo e elegancia das formas, como no que é concernente ao ensaio das melhores argillas, e dos methodos mais aperfeiçoados de pintar e vidrar vasos. Para o bomprehendimento da 2.^a parte deste artigo, o Director mandará fornecer tudo quanto for necessario. » Eis aqui a corroboração do que tenho dito, com respeito ao desenvolvimento das artes ornamentaes.

O que é mais caracteristico neste regulamento é o Titulo VIII. que trata do ensino industrial. Art. 78 : « As aulas de mathematicas applicadas, de Desenho geometrico, de Escultura de ornatos, que fazem parte do ensino Academico, têm por fim tambem auxiliar os progressos das *Artes e da Industria Nacional* », e continua no Art. 79 : « haverá sempre nestas tres ultimas aulas duas especies de alumnos : os *Artistas* e os *Artifices*, os que se dedicam ás Bellas Artes e os que professam as Artes Mechanicas » etc. Tudo isto vem confirmar as ideias que propaguei nestes artigos, isto é : de desenvolver no Rio, para depois derramar pelo Brasil o estudo das artes ornamentaes, por serem as de que mais precisamos e que irão proporcionar beneficios immediatos ao povo.

Agradei ao bom Frei Diogo o serviço que acabava de prestar-me e ao mesmo tempo disse-lhe : Um acaso providencial me trouxe a este convento, onde tive a occasião de examinar estes Estatutos, dando-me ensejo a reparar um erro historico, que acóimava os homens da antiga Academia de retrogradados e incapazes, quando pelo que

vejo, foi tudo ao contrário. Elles tiveram a perfeita intuição de que a Academia não devia ter por unico fim fazer artistas pintores e esculptores, e sim adaptal-a ás necessidades do paiz, introduzindo no seu ensino o aperfeiçoamento das artes professionaes. O que lhes faltou para attingir o resultado almejado, foi a iniciativa de ir contratar em Europa o professorado necessario para se pôr em andamento estas ideias. Além deste erro historico reparado, serve tambem, para restabelecer a memoria de alguns mortos, que escriptores pouco escrupulosos e ignorantes das coisas de arte, quizeram atirar no cisco do esquecimento.

Queria referir-me á memoria de Bettencourt da Silva, Victor Meirelles e João Maximiano Mafra, que sahiram da Academia e aposentaram se, para se ver livres dos ataques de uma mocidade mal aconselhada.

Voltando a casa, puz-me a folhear os regulamentos de 1890, 1901 e 1911, nada encontrando nelles que fizesse referencias á industria nacional nem ás artes professionaes: o unico que encontrei foi a aula de esculptura de ornatos, que já o regulamento do anno 90 fala, mas, era preciso contractar um esculptor na Europa e isto não convinha trazer, por motivos que calo. O que achei neste regulamento de 1890, foram quatro aulas theoreticas, todas ellas inuteis: Mythologia, Archeologia, Theoria e historia da architectura e Historia das artes, que todas ellas chocam-se por ser materias que entram umas nas outras.

Quanto mais proveitoso seria, em lugar destas aulas theoreticas, estabelecer quatro aulas practicas! Que utilidade tiravam os alumnos em assistir áquellas conferencias dadas em lingua estrangeira e que os rapazes não estavam preparados para as entender? E, mesmo que as entendessem, eram materias que de nada lhes poderiam servir nos seus estudos de desenho e pintura, que só podem ser feitos quando já se é artista.

Não posso atinar com a intenção dos que organisaram aquelle regulamento, mas do que a ideia de embasucar o credulo público, com o spectaculo destas conferencias, de um resultado problematico, nullo para os alumnos, e parecendo ser feitas para illudir o governo d'então.

O ensino de bellas artes, já o tenho feito comprehendendo, não se faz com estudos theoricos. Na Escola de Bellas Artes de Pariz, as aulas theoricas são facultativas (*) e os alumnos as frequentam quando bem lhes apraz: as raras vezes que fui assistir á aula de Taine, vi alli um público especial que não era, na sua maioria, composta de artistas.

Os conhecimentos na nossa época, referentes a bellas artes, não deverão ser feitos pelos livros, e especialmente o ensino que o professor der na aula, deverá ser o resultado do estudo feito na coisa mesma. A sciencia da archeologia deve ser estudada nos logares, como se percebia que o professor Paille havia-a estudado; mas, mesmo assim, aqui essa sciencia não tem applicação pelo motivo simplicissimo de não termos antiguidades no nosso paiz. Tempos virão, é de se esperar, que essa sciencia se despertará no continente Americano, para se estudar a archeologia do Perú e do Mexico, cujo estudo ainda está por fazer. A historia da architectura encerra em si a da archeologia, e só se póde estudar de *visio* na Asia Menor, no Egypto, na Grecia, Italia, etc.

Não posso acertar em que cerebro póde entrar essa ideia de se crear uma cadeira especial para ensinar mythologia, materia esta que não vi leccionar em nenhuma escola de bellas artes. A mythologia vem a ser a historia dos deuses, a archeologia trata dos palacios, dos templos e dos monumentos, muitos delles dedicados aos mes-

(*) Em todos estes artigos o autor não se refere a architectura.

mos deuses. A historia da architectura entra na archeologia e na mythologia e esta ligada a estes dois conhecimentos como a concha ao caramol, porque, ao descrever os templos, tem necessariamente que descrever os deuses que nelles se abrigavam. Isto deu em resultado de por vezes, ouvir queixar-se o prof. Paille, dizendo não poder dar uma só lição, sem entrar na materia de seu collega Parlagreco. Este, por seu lado, para não entrar no campo de seu companheiro de conferencias, e não sendo a sua especialidade nem uma nem outra materia, dava uma feição litteraria e philosophica ás suas conferencias.

Em summa, de tudo isto pode tirar-se uma conclusão; dizendo que os organisadores do ensino da Escola no anno 90, deram provas de não conhecer o que tratavam, introduzindo no ensino tres aulas que se annullavam.

Respeito a historia das artes, esta é materia tão complexa, que na mesma França, só um Taine podia explical-a; mais tarde, Paulo Mantz, e agora Reinach. Aqui, nem nessa época, nem hoje, temos pessoa competente para dar essa disciplina. Bem o comprehendeu Medeiros e Albuquerque, que nunca deu uma lição, apesar de ser o titular dessa cadeira na Escola.

Aquelle foi um regulamento que parece elaborado por pedantes. Raul Pompeia tambem teve sua parte, introduzindo a mythologia para ser professor dessa cadeira, como si a archeologia e a historia da architectura não bastassem. Aos organisadores d'aquelle regulamento deveria-se-lhes applicar aquelle dito popular, muito a proposito neste caso: «Podem limpar as mãos á parede!»

XV

CONCLUSÃO

Para que o ensino que se dá na Escola de Bellas Artes seja efficiente, de modo a conseguir que todos os rapazes que lá vão estudar saiam de allí podendo utilizar-se do que aprenderam, tirando d'elle utilidade lucrativa, precisamos que o ensino comece pela arte ornamental, isto tanto os pintores como os esculptores. Esta arte, já o fiz comprehender no 3.º artigo, no qual tratei da pintura decorativa, e tambem no 8.º e 9.º, em que me occupei do methodo e da creação de uma galleria de esculptura ornamental. Conservadas as disciplinas artisticas tal qual estão estabelecidas na Escola, a arte ornamental deverá ser d'ora em diante a base do ensino artistico, para depois emprender os estudos superiores. Com esta orientação, o ensino que allí se der será completo, pois o que chegou a praticar os cursos de pintura e esculptura, terá uma bagagem que lhe servirá para dirigir depois suas faculdades no ramo do saber artistico que mais lhe agrade, que mais lhe convenha ou para o qual sinta maiores aptidões.

A pintura de genero e, com ella, a pintura de cavallette, pode se dizer que findou, precisa agora que o quadro tenha uma nota decorativa e que os assumptos sejam mysticos, symbolicos ou allegoricos. Este foi o progresso que nos trouxe o fim do seculo; a pintura enveredou pelo caminho que teve nos seus melhores tempos, isto é, de ter um objectivo mais nobre e elevado como é o da pintura mural.

Na antiguidade, a pintura, fóra de alguns porticos dos templos, de que nos falam os escriptores gregos, estava destinada a decorar os interiores das casas, como hoje pode-se ver em Pompeia, que era uma cidade grega. Todos

conhecem pelas publicações que reproduzem aquellas pinturas o que ellas eram, e não precisarei descrevel-as, pois todos sabem que se agradavam das grandes perspectivas nas quaes entrava como principal elemento o ornato, acompanhadas de paisagens e motivos de figura nos centros das paredes.

Na época da Renascença, a pintura estava quasi que exclusivamente destinada á decoração das egrejas, sendo, portanto, pintura decorativa ; o pintor encarregado da pintura de uma igreja, tinha que executar, além das scenas do Sto. padreiro, toda a ornamentação interior, como se póde vêr no templo de S. Francisco em Assis. Allí, ao lado dos grandes assumptos biblicos, pintados por Giotto, os Gaddis e outros, vê-se que, fóra dos grandes paineis das paredes e das abobadas, os arcos, nervuras, pilastras e cantos, tudo está decorado com ornatos. Esta igreja foi o prototypo da arte que precedeu a Renascença.

Nesses tempos, o estudo da pintura fazia-se nas officinas do mestre ; alli o aprendiz, ao entrar, começava por moer tintas a metade do dia e a outra metade desenhava, logo depois d'isto, a primeira pintura que aprendia era a pintura que hoje chamamos de liso, das tintas planas recortando as partes exteriores dos ornatos, depois a encher estes ornatos e mais tarde a fazel-os ; indo assim paulatinamente e por degráos. até ajudar o mestre nos seus trabalhos mais difficeis e nos seus assumptos.

Hoje não precisa o aprendiz moer tintas, nem fazer de moço de recados, como fazia nos tempos passados, mas será preciso dar-lhe uma instrucção mais acertada, fazendo-lhe aprender os principios da pintura com um *mestre decorador*, antes de passar a frequentar os cursos superiores.

Si não se proceder d'este modo, caminhamos fatalmente para o fim pernicioso que indiquei nos meus artigos, de estudarem os rapazes n'um

estabelecimento de ensino, que só serve para ser grande artista, ou ser nada, o que é contrario ao senso commum, e até a intelligencia mais obtusa será do meu parecer. Não precisarei mais repisar sobre esta questão, para que os poderes públicos comprehendam a necessidade de se reformar aquelle estabelecimento de ensino artistico.

A occasião não pode ser mais opportuna: o Director da Escola já finalizou ou está para finalizar seu exercicio, e, sem pretender levantar muito minha voz, atrever-me-ia a aconselhar ao Governo que não nos nomeie um pseudo grande artista para Director, pois vimos que em vinte quatro annos deu máo resultado. Preferivel seria, a meu ver, nomear para Director um antigo homem politico que tivesse affinidades com as artes, como a de ser amator e conhecedor, homem de criterio são, que pudesse servir de intermediario entre o Corpo Docente e o Ministro do Interior, e que fosse, em summa, *seu porta voz*. Este Director, bem intencionado, deveria pôr em execução as reformas por mim mencionadas nos meus anteriores artigos, que são as seguintes:

1.º Restabelecer a livre frequencia, abrindo as portas da Escola a todos os rapazes que n'ella desejem aprender as artes do desenho.

2.º Estabelecer o curso de pintura docorativa, para que o ensino que se dá n'aquella casa tenha um resultado pratico e util, servindo, aos que alli vão a estudar, para tirar d'elle um proveito immediato.

3.º Crear um curso nocturno de desenho, de uma necessidade absoluta e imprescindivel, sem o qual nada se poderá conseguir de proveitoso, pela razão que este curso preparará os alumnos antes de entrar a cursar a Escola, e n'elle poderão descobrir-se suas aptidões para as bellas artes.

4.º Adquirir uma collecção de ornatos de

gesso de todos os estylos, base para o futuro desenvolvimento das artes liberaes.

5.º Serem as aulas theoricas, facultativas para pintores, esculptores e gravadores.

Com estas reformas, que são as principaes, pois ha outras por mim indicadas que tambem podem ser tomadas em consideração, o povo encontrará na Escola um ensino apropriado para desenvolver o seu gosto artistico, pois que os aprendizes e officiaes de profissões mechanicas e manuaes irão alli aperfeiçoar-se no desenho e na modelagem, para conseguirem ser obreiros de objectos d'arte e, em summa, serem artistas nas suas multiplas profissões. Este deverá ser, d'ora em diante, o principal intuito que precisará ter a Escola Nacional de Bellas Artes, pois entenda-se bem: *O nosso progresso artistico dependerá do desenvolvimento que dermos ás artes ornamentaes.*



Juizo critico sobre o prof. Rodolpho Bernardelli

I

O DIRECTOR

Começamos estes rascunhos, apresentando o Sr. R. Bernardelli, na phase de sua maior responsabilidade, perante o publico e os poderes da nação.

Pelo decreto de 8 de novembro de 1890, foram modificados os estatutos da Academia das Bellas Artes, que passou a denominar se Escola Nacional de Bellas Artes. O professor Rodolpho Bernardelli, já professor de esculptura da Academia, foi nomeado director e, desde esse tempo, com pequenas intermittencias do professor Amoedo, a Escola foi dirigida, até agora, pelo mesmo director.

O professor R. Bernardelli, desde que se viu idvestido daquelle cargo, tratou de preencher os logares das disciplinas artisticas com o pessoal mais competente que pôde achar á mão. Propoz e foram nomeados: Amoedo e Henrique Bernardelli, para as duas aulas de pintura, Zeferino da Costa, para a de modelo vivo; fez contractar na Europa ao Paille, para professor de archeologia, a Parlagreco, para professor da historia de architectura, a Girardet para professor de gravura de medalhas e pedras preciosas e a cadeira de esculptura de ornatos, de importancia capital, não se contractou; só 21 annos depois esta cadeira foi preenchida pelo artista Petrus Verdier.

Estando ausente em Roma o professor de

modelo vivo J. Zeferino da Costa; nomeou-me interinamente para aquella cadeira, em 4. de maio de 1891; antes, porém, após suas «reiteradas instancias e lisongeiras promessas», me fez renunciar o posto vitalicio de professor das escolas de 2º gráo, para cujo logar tinha sido nomeado em dezembro de 90, pelo ministro Benjamin Constant : e, por estes dias, nomeou Pedro Weingartner para professor de desenho figurado. Todos estes professores estavam animados das mais louvaveis intenções, e não deixou de haver, por alguns annos, harmonia de vistas no ensino da nova Escola.

Depois da escolha dos professores, a sua principal preocupação foi a compra de quadros para enriquecer a galeria e mais adiante, por intermedio do professor Zeferino, que continuava em Italia, adquiriu uma colleção de gessos da Renascença. Aparte estas compras, a aquisição constante de quadros, a compra de alguns pequenos bronzes e uma leve attenção á bibliotheca, nada tentou para melhorar o ensino; contentou-se unicamente em dar seguimento as aulas que já funcionavam na antiga Academia.

Depois de dar andamento á machina escolar, a sua preocupação constante que lhe embargou todas suas energias, foi a construcção do novo edificio. E é de notar-se, tenho de dizer em pró da verdade, que pôz ao serviço desta ideia todas as suas actividades, todos os seus recursos, toda a sua influencia e não esmoreceu nesta luta até ver realisado o seu sonho; sonho este que, si está hoje quasi conseguido, deve-se unica e exclusivamente a seu esforço pessoal.

Não abateu a sua fibra de lidador durante um numero de annos assaz longo, com os obstaculos que teve de enfrentar para realizar a edificação da nova casa; nos primeiros tempos da sua directoria, fez executar em gesso um projecto para o novo edificio do architecto Sante Buccia-

relli, feito a suas expensas; e foi exposto n'uma das primeiras Exposições de Bellas Artes no edificio da antiga Academia. Mais adiante, aproveitou o entusiasmo da Sociedade do Centenario para fazer a nova casa, chegando a assentar a primeira pedra para a sua construcção no antigo mercado da Gloria. Mas, a ideia era muito nova, não tinha amadurecido e aquillo passou como um fogo fatuo.

Foi por occasião da abertura da Avenida Central, quando o espirito dos cariocas estava sobredito pela remodelação da cidade, que pôde realizar seu sonho, sonho este que constituia para elle uma obsessão. Para conseguil-o muito o ajudou o Dr. Frontin, concedendo o terreno e fazendo os alicerces, mesmo á custa dos trabalhos da Avenida, prestando lhe assim a sua poderosa cooperação. Mais tarde, quando o serviço estava adiantado, foi ajudado pelo Dr. David Campista, que, precisando instalar no edificio da antiga Academia o Ministerio da Fazenda, fez transportar para a nova casa, por conta daquelle ministerio, todo o material escolar.

O edificio, ainda por terminar, está servindo actualmente, e nelle funcçãoam todas as aulas. Tem graves defeitos, uns por ter sido modificado o primitivo projecto do Sr. Morales de los Rios, que foi uma falta grave, desautorando assim um dos professores mais notaveis da Escola, e outros de construcção, pela pressa de começar as obras. Por estes motivos, as aulas, sendo espaçosas, não se adaptam ao ensino do desenho por terem todas ellas duas luzes e estas baixas: faz suppôr que os constructores não se preocuparam com o destino que ia ter aquelle edificio.

O professor Bernardelli, visto o seu sonho realizado á custa de de innumeraveis e pacientes esforços, operou-se nelle essa reacção que acomete sempre aos individuos, mesmo dotados.

da mais rija tempera, depois de gastar suas actividades e energias n'um emprehendimento qualquer; e mais um de tamanha importancia, como foi a edificação da nova Escola.

Sucedeu, porém, que, desde que a nova casa funciona, o Bernardelli não tem seu espirito alerta como dantes, suas faculdades parece abalaram-se, pois, qualquer medida que seja preciso tomar, já para o bom andamento do ensino, já para favorecer os alumnos, o director da Escola sempre é adverso. Isto tem acontecido de tres annos a esta parte : o Bernardelli mostra estar fatigado, sua prostração é manifesta.

Já vão longe os tempos em que o professor Rodolpho Bernardelli, acabados seus estudos na Europa, chegava ao Rio, moço, prenhe de illusões e esperanças, pugnava por descortinar horizontes novos á velha Academia e era ouvido com admirativa curiosidade pelo público carioca, que acreditava encontrar nelle um reformador que ia tudo modificar, implantando as modernas ideias que corriam na velha Europa, vindo com isto dar uma justa orientação ao ensino das bellas artes.

Durante aquella campanha que moveu contra os velhos mestres, aureolado com a nomeada de *grande* esculptor, prestigiado pela familia Imperial, da qual soube fazer-se amigo, sympathico, insinuante e de apurado trato social, poud grangear a consideração das classes illustradas do paiz, que viram nelle uma especie de Messias. E este público, ao vêr um homem de *tamanho valor*, virar-se cheio de indignação contra o pseudo-carrancismo, pugnando por uma refórma que parecia necessaria e tinha todos os visos de ser sincera, formou uma corrente de opinião que se contagiou a todo o povo do Rio de Janeiro : sendo este conjuncto de circumstancias que influu para fazer desta campanha o seu pedestal. Este precedente contribuiu de modo que, ao advento da Republica, aquella situação que re-

presentava o triumpho dos innovadores, dos que tinham prégado doutrinas revolucionarias, Bernardelli fosse contemplado pelo Governo Provisorio, que o nomeou Director da Escola Nacional de Bellas Artes.

Durante os primeiros annos de directoria, obteve tudo quanto desejou do Governo; seus pedidos eram satisfeitos e o corpo docente era-lhe docil, submisso e amigo, vivendo sem attritos e na melhor harmonia até bem poucos annos.

Agóra, porém, desde a refórma de 1911, que obrigava e auctorisava o Conselho Docente a eleger o Director da Escola, o Bernardelli teve que se submeter ao julgamento de seus pares e d'ahi proveiu o começo das desavenças. Sua eleição foi combatida por uma minoria respeitavel e significativa, por figurarem n'ella os principaes artistas professores da Escola.

Este proceder surpreendeu o tanto, que, d'aquelle tempo para cá, Bernardelli mostra-se irritado com o Conselho. Parece ter perdido de vista a estrella que d'antes lhe guiava os passos e desde então, apaixonado, age de modo que todos seus actos, suas medidas e determinações tomadas para o bom funcionamento da Escola, tem sido erradas. E, de erro em erro, parece querer desgostar a professores e alumnos, e destruir o ensino que se dá na Escola!

Não faltava razão aos athenienses, de condemnar ao ostracismo aquelles cidadãos que, occupando cargos importantes por longo tempo, podiam por seu ascendente tornar-se perigosos para a conservação do regimem democratico. Bernardelli, depois de 24 annos que se encontra á testa d'aquella instituição, julga-se dono e declara alto e bom som aos professores, não ter que dar-lhes conta de seus actos como director (textual.) de modo que, parece querer governar a Escola como o fazendeiro governa a sua fazenda, teimando em continuar na direcção, apezar da

oposição constante que lhe move o Conselho Docente.

O meu antigo collega da Academia, que se suppõe muito superior aos que o rodeiam, considerados por elle como intelligencias inferiores, como sua instrucção não corresponde ao que se exige de uma alta mentalidade, ignora que tudo quanto ha na natureza acha-se em constante movimento: nada está morto, nada fica immovel, tudo vira e vive; e assim como na natureza acontece com a humanidade, as ideias vão descrevendo cyclos, modificam-se e acabam por se transformar. Isto mesmo succede aos individuos, as ideias tambem se transformam e, ai d'aquelle que se obstina em ficar parado, que queira oppôr-se á corrente; será envolvido, arrastado e levado para além, na onda da evolução!

Passando agora a falar das duas reformas do regulamento feito só suas vistas, a de 1901 e a de 1911, vemos que foram pura e simplesmente administrativas, somente na ultima reforma augmentou um professor de desenho figurado, cuja necessidade sentia-se de ha muito tempo. Quanto a melhorar e estender o ensino artistico que se dá na Escola, o leitor ter-se ha apercebido, depois de percorrer esta serie de artigos, que o Sr. Bernardelli nada fez neste sentido. Pelo contrario: a livre frequencia, supprimida na ultima reforma, deve-se a elle e só a elle, que de longa data a meditava; a pintura decorativa, cuja necessidade fiz sentir no meu 3º. artigo, poderia estar estabelecida desde 1903, quando o pintor Visconti requereu á Camara a criação desta disciplina e o professor Bernardelli deu parecer contrario. Depois de as aulas cinco annos funcionarem na casa nova, não cogitou de alargar o ensino, fazendo participar delle as classes populares, tratando de desenvolver as artes ornamentaes, das que já fiz comprehender a grande utilidade. Em logar de fazer progredir o ensino que actualmen-

te se dá, tudo ao inverso, quiz dispensar os alumnos que concorrem ao premio de viagem, de fazer o quadro; quando está sobradamente provado que o regulamento de 1890, que exigia fazer só uma academia, deu resultados negativos, como provei no meu protesto lido no mez de abril do anno p. passado, e approvedo pelo Conselho; pois que aquelle é o unico meio de se avaliarem as disposições artisticas dos concorrentes.

Emfim, acho que a Academia ou a Escola foi tudo uma mesma coisa durante o tempo que o sr. Rodolpho Bernardelli foi professor daquella e director desta, por ser o ensino igual em ambas. E o pequeno adiantamento artistico que se nota no Rio de Janeiro, se faria mau grado o Bernardelli, promovido por essa força universal que impulsiona e faz progredir tudo, e até obriga a caminhar a China estacionaria.

Para terminar: o professor Bernardelli, em todo o seu tempo de director, foi uma nova se-reia que teve o dom de encantar a todos os ministros do Interior, desde o Governo Provisorio até hoje, e com aquelles que, como o dr. Esmeraldino, lhe foram hostis, esquivou-os e soube-se amoldar as circumstancias.

Agora o leitor, depois de ter tido os artigos sobre o ensino de bellas artes, poderá formar um juizo exacto sob a orientação dada a este ensino, nos 24 annos que o sr. Rodolpho Bernardelli dirigiu a Escola Nacional de Bellas Artes.

II

O ARTISTA

Em toda a minha vida, não conheci homem que soubesse dirigir seus interesses melhor do que Rodolpho Bernardelli. Tudo quanto desejou obteve, tudo quanto intentou, conseguiu. A deusa

Fortuna o tem cumulado a mãos cheias de seus favores. Ao terminar seus estudos de pensionista, voltou ao Rio, encontrando o paiz perfeitamente preparado para elle desenvolver suas actividades: os artistas que havia, já velhos, não estavam em condições de lutar e não desejavam senão a paz, e os trabalhos de arte projectados no paiz, estavam á espera de alguém que viesse pôr sobre elles a mão. Assim, pôde com facilidade obter as encommendas do Osorio e do Caxias. Teve nos seus principios um competidor, Almeida Reis; esculptor menos que mediocre, mas assim mesmo, poderia fazer-lhe uma terrivel concurrencia: a morte veio em seu auxilio, libertando-o d'aquelle importuno emulo. Depois já não encontrou mais obstaculos e pôde percorrer seu caminho socego e sem contrariedades.

A sua maneira de agir tambem o tem favorecido, pois não sei de ninguém que tenha commercio com elle, que não se sinta attrahido e como magnetizado até o ponto de se sentir dominado pelo seu fluido. Esta força tem-lhe servido para fascinar todos os Ministros do Interior, menos o dr. Esmeraldino Bandeira; Bernardelli fez tudo dos outros ministros e temo muito que o actual não tenha já sentido essa fascinação. Este homem serviu-se d'esse poder magico para ter a amizade do Imperador e da Princeza, e depois do regimen caído, teve o tacto de ser amigo do Deodoro e de quasi todos os Presidentes que se têm succedido. Soube tambem fascinar o público, fazendo-se cotar como grande artista; e este público continúa cegamente persuadido de que Bernardelli, na Europa, seria tambem cotado entre os grandes artistas. Este prestigio serviu-lhe para se conservar na direcção da Escola de Bellas Artes, que, público e governantes, todos unisonos, pensam que aqui não temos outro homem capaz de poder dirigir aquelle estabelecimento de ensino artistico.

Do que precede depreheende-se que este homem continua á testa d'aquelle estabelecimento e continuará por tempo indeterminado, emquanto se conservar esse nimbo em roda d'elle, até se convencer o credulo publico que isto não passa de uma illusão d'optica. Tratemos de retirar os espelhos e a illusão desaparecerá por si mesma.

Não é sómente o ser Director da Escola que o faz poderoso em face dos collegas e do publico ; e outra prerogativa que lhe fica inherente áquelle emprego e o provê de um immenso valor respeito dos principaes centros artisticos da Europa. Este poder é o de guardar em suas mãos as chaves das portas da Alfandega do Rio de Janeiro, para deixar entrar, a seu bel-prazer, todas as obras de arte boas ou ruins que nos trazem ao Brasil os negociantes da Europa, em virtude do Decreto do Governo Provisorio, de poderem entrar sem pagar direitos ás pinturas e esculpturas de merito artistico reconhecido. Estando elle, como Director da Escola, incumbido d'este encargo, nunca delegou estes poderes na secção de pintura, como seria seu dever ; guardou esta prerogativa para si, conservando-a religiosamente. Com estes poderes tem protegido a negociantes italianos, hespanhoes e outros, que arribaram aqui, trazendo as pacotilhas de quadros que nos tem impingido como obras d'arte.

Pois bem : esse homem, com esse immenso poder, depois de tantos annos que exerce esse privilegio, não pode ser nomeado membro correspondente de nenhuma Academia de Bellas Artes da Europa. Si fosse um artista de valor, como aqui se suppõe, não precisaria esperar muito tempo para que lá os artistas tratassem de obter suas boas graças, mandando-lhe um pergaminho que a elles custava menos do que mandar-lhe de presente uma mancha ou um desenho, afim de ganhar a amizade de tão poderoso auxi-

liar. Tanto isto é certo, que Pinelo, que tem recebido de Bernardelli particulares favores, não só retirando-lhe seus quadros da Alfandega, como mesmo comprando-lhe quadros para a nossa galeria com a verba da Escola, não pode obter com seu amigo Pradilla conseguir para elle esta pequena satisfacção.

Este caso deu-se ha tempos, em Madrid, numa das sessões da Academia de S. Fernando, após a eleição de um membro para substituir a outro de uma provincia, fallecido.

Pradilla pediu a palavra: disse que seu objecto era iudicar para membro correspondente no estrangeiro, a um artista que se tinha assignalado á benemerencia da illustre corporação, pelos serviços que tinha prestado a pintura hespanhola no Brasil, facilitando a entrada desta no seu paiz, sem pagar direitos de especie alguma, e beneficiando com este proceder todos os pintores hespanhões, que por estes motivos era crédor de que estes mostrassem, por alguma fórma, sua gratidão, nomeando-o membro correspondente da Academia de S. Fernando, e que, portanto, tinha a honra de propôr para a dita distincção, ao esculptor sr. Rodolpho Bernardelli, director da Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Ouve um silencio, não me dizem o motivo, si foi surpresa ou ignorancia do nome; um membro que se sentava em frente de Pradilla, pediu-lhe que discriminasse os meritos que seu candidato possuia para obter aquella distincção.

Pradilla respondeu que seu candidato era autor de um grupo representando Christo e a Adultera, que expoz no seu atelier em Roma, e foi muito celebrado pela imprensa. «Isso de imprensa, interrompeu Bilbao, sabemos que por 50 liras qualquer jornal imprime um elogio de uma columna, mais a mais, vi aquelle grupo que era um trabalho discreto de pensionista, e que só poderia recommendal-o aos collegas de seu tempo,

mas, como obra de arte, tenha paciência, aquelle nunca foi Christo, aquelle tinha o typo de um mouro de Tanger.» Sem parecer dar grande attenção ao que Bilbao acabava de dizer, Pradilla continuou expondo os meritos de seu recommendado, dizendo que tambem era autor de duas estatuas equestres que figuravam nas praças do Rio de Janeiro. Aqui, Mariano Benlliure tomou a palavra e disse: « Conhecer muito a pessôa que o sr. Pradilla advogava, pois fôra até muito amigo d'elle em Roma, que reconhecia em seu activo alguns bons bustos, como um do dr. Montenovesi, mas, fóra disso, as estatuas a que alludia não o recommendavam, pois tinha visto aquelles cavallos na fundição Tiebeaux, e francamente, apezar da sympathia e da amizade que o ligava, era forçado a declarar que aquellas estatuas não recommendavam ao auctor.—Não diga isso, arguo Pradilla—Sim, que digo, e ajuntarei que, como estava encarregado de fazer a estatua equestre de D. Affonso XII, me interessavam essa classe de trabalhos, que os examinei minuciosamente e ví que o esculptor não tinha estudado a anatomia do cavallo nem mesmo a das articulações, de maneira que a musculatura não vibra e nas articulações das patas faltam os acentos, que tanto contribuem para a energia do cavallo. Si passamos a examinar os cavalleiros, sobretudo um delles, que está na attitude de accometter, é de uma grande infelicidade, parece um corcunda e na sua pose falta vivacidade, deixa sentir o cansaço do modelo; e, como execução, as roupas são pessimamente modeladas, parece um trabalho de fancia.—Estou achando que exaggera—disse Pradilla.—Não exagero, porque si aquellas estatuas tivessem verdadeiro valôr artistico, houvesse podido expol as nos salões de Pariz e receber a sancção dos artistas francezes. A isto Pradilla objectou que essas estatuas, depois que passam pela fundição, os gessos ficam sujos e em

pedaços—Aqui Benllure replicou, com alguma vivacidade: Que si o esculptor tivesse consciencia do valôr de sua obra, houvera podido pedir a Tiebeaux de as armar e dar-lhes uma mão de alvaiade; e assim limpas, ir figurar no salão; si não o fez foi porque tinha todas as probabilidades de que aquelles trabalhos seriam regeitados.

Pradilla não se dando por vencido, e para augmentar meritos, falou que era um dos melho-res esculptores da America, tanto que na Exposição de Chicago havia sido nomeado membro do jury. — Benlliure deu uma gargalhada, e disse: «Onde fica Frenche?», e Sorolla, sem dar tempo a Pradilla de respirar, e com ar chocarrão: «Sim, tambem o mexicano Pesado foi membro daquelle jury, e todos os que o conhecemos em Roma, sabemos o peso que como artista tem o Pesado! — Pradilla para não dar o braço a torcer e não desistir da proposta, replicou: «Senhores, não insistirei sobre os meritos artisticos de meu candidato, porém, farei vêr que será uma medida de alta politica fazel-o nosso membro correspondente, pois elle, com o prestigio que tem no seu paiz, póde ajudar a vender a pintura hespanhola no Rio de Janeiro, e tambem pela posição que alli occupa, pois ha mais de vinte annos que é director da Escola de Bellas Artes.» Apenas acabou de pronunciar estas ultimas palavras, um membro literato explodiu: «Mais de vinte annos, e num paiz americano? Esse homem, para se sustentar tanto tempo nesse posto, ou deverá ter a paciencia de Job, ou de ser um *sin verguenza*!» Ahi está o sr. Pradilla que veiu de Roma nomeado director do Museu do Prado, e não chegou a estar seis mezes no lugar, porque ás primeiras exigencias do Ministro, largou-lhe sua demissão. Então deverei retirar a proposta? — disse Pradilla — «Certamente, é o que deve fazer.» No meio desta troca de palavras, o presidente deu por terminada a sessão.

Pradilla, depois deste revez, para tranquilizar a Pinelo, e como ficha de consolação, deu-lhe um desenho para elle offerecer a Bernardelli, com aquella pomposa dedicatoria: «Ao grande esculptor Rodolpho Bernardelli», que o público viu exhibido na ultima exposição de pintura hesparbola na Escola de Bellas Artes.

Não precisarei ajuntar commentarios, o leitor os poderá fazer a seu gosto, pois, com quanto isto que acabo de dizer, não passe de uma ficção, aconteceria si por acaso, lá na Europa, alguém, n'uma d'aquellas academias, propuzer Bernardelli para membro correspondente.

Em todos seus trabalhos de pensionista, o Bernardelli não tem mais que o S. Estevão, que é um nú onde percebe-se que elle alli tratou de estudar. O baixo relevo do S. Sebastião é um pessimo trabalho, quiz fazer original executando as figuras em bastidor de theatro, e mostrou n'aquillo seu detestavel gosto, além do modelado ser arredondado e sentir-se o abuso do pincel. A «Faceira» é outro trabalho que deixa a de-sejar, aquellas formas não estão bem estudadas e sente-se que, onde o esculptor encontrou difficuldade passou sobre ella o esfumador.

Aonde se pode conhecer o valor real de um artista é nos desenhos; para isso recommendo vejam o n. 10 da «Renascença», Dezembro de 1904; n'aquelle numero, entre varios desenhos publicados, ha um na pagina 241, de Rodolpho Bernardelli, que é um dos peores, e lembra bem a maneira como elle desenhava na antiga Academia, antes de ir para Europa. Este trabalho representa uma bachante com o thyrsos na mão, é um desenho esfumado e sem construcção, como suas esculpturas, com algum accento, que digo? com alguns toques de graça, que era o mesmo que fazia na aula de modelo vivo. Comparem-se lhe os desenhos dos mestres; verão n'elles a construcção vigorosa, a pureza dos contornos e

o traço seguro do esculptor, e isto acabará de convencer o publico do valor d'este artista.

III

O HOMEM

Já descrevemos a personalidade do Sr. Bernardelli, como director da Escola e como artista; agora completaremos esses traços, apresentando-o ao juizo de seus contemporaneos como homem.

Todos os individuos, falando em geral, têm phases variadas na sua existencia e todos podem ser estudados nos seus diferentes aspectos. Os politicos, por exemplo, aquelles que são mais tratantes, mais trapaceiros e sonsos, olhados pelo lado da vida privada, são paes exemplares e dedicados, amantes da esposa, devotados aos amigos e a todos quantos os rodeiam. Outros homens ha, que não estão na categoria dos politicos, nem dos litteratos e nem dos artistas, em sociedade são exemplares: amaveis, serviçaes, attentiosos, gostam de parecer engraçados e até chegam a ser servis com todos os que têm tracto ou convivencia; estes, pelo contrario, no seu interior, com a familia e os servidores são de um despotismo e uma malcriação inaudita; parece querer desferrar-se em sua casa, das humilhações que aturam fóra na sociedade. Outros são tudo quanto ha de mais humano para sua familia, para seus amigos, para seus servidores; tudo isto envolto no manto do mais perfeito cavalheirismo e de uma refinada urbanidade. Mas, estes homens têm, como Frederico o Grande, dentro delles, adormecido o homem ingrato, que esquece os serviços prestados, mesmo á custa da propria vida, e que não pagam estes serviços, fingindo até ignoral-os. Nesta categoria poder-se-á classificar Rodolpho Bernardelli.

Não falarei do proceder que usou commigo, forçando-me, com fortes promessas, a renunciar o emprego de professor das Escolas de segundo grão, não se lembrando d'este sacrificio feito, em holocausto á sua amizade, quando chegou a occasião de poder pagar-me esta divida. Deixarei esta questão de lado, para occupar-me só da parte individual e não me alongarei grande coisa, concretisando-me a estudar-lhe as phases mais características: como collega da antiga Academia, depois como pensionista e por ultimo, chegado a seu apogêu, no trato social.

Como alumno, já possuia essa magia, esse poder de fascinação, de que já falei anteriormente. Na aula de modelo vivo, que era a aula commum para pintores e esculptores, nos dias que não tinha que ir tocar no Alcazar, sahia, ao terminar a aula, capitaneando seus collegas que, seduzidos por suas boas maneiras, gostavam de seu trato e o acompanhavam pelo largo de São Francisco e rua do Ouvidor, indo alguns delles até ao seu quarto na rua do Carmo. Dominou-os de tal modo, que, quando se abriu o concurso ao premio de viagem, todos se abstiveram de concorrer; verdade é, que elle era o unico alumno de esculptura habilitado para fazer o concurso.

Em Roma tambem, soube fazer-se uma roda, capitaneava de noite quando sahia do *restaurant*, o grupo de amigos ou collegas que haviam jantado na sua mesa, indo depois fazer a partida de bilhar. Quando algum dos amigos entrava e passava por diante d'elle para ir sentar-se em outra, onde a pessoa tinha outras amizades, chamava-o para que sentasse á sua mesa e aquella noite cumulava-o de atenções, servia-lhe vinho, enchendo-lhe o copo com seu *fiasco*.

Nunca o vi no estado de *nevrose*, que tanto accomette aos artistas, e nunca o vi zangar-se;

nem com os serventes do *atelier* nem com os amigos, nem com o seu trabalho — o que é tão commum nos artistas — nem em nenhuma circumstancia da vida. E' de natural calmo e reflectido, não dando um só passo seu antes o meditar. Por isso mesmo sabe dizer, que não chegou ao que é pelo acaso, e sim conduzindo todos os seus actos para chegar á méta de seus desejos.

Com o velho Mafra, secretario da Academia, do qual dependia para obter ajuda de custo para os marmores, encommendas e prorogação da pensão, foi de uma solicitude inexaurível, servindo pontualmente os seus pedidos: eram benções papaes, *agnus Dei*, rosarios, escapulários, eram, em summa, todos os objectos religiosos que o bom Mafra lhe encommendava, pagando-lhe a importancia naturalmente. Isto não o impediu, ao seu regresso, fazer-lhe aquella formidavel campanha, que fez e bom velho sahir da Academia e aposentar se.

O pretexto de que se serviu foi o concurso para o premio de viagem á Europa entre o candidato escolhido, Oscar Pereira da Silva e o Belmiro, um dos concurrentes: tomou a defesa do trabalho do Belmiro, mais pelas razões de poder combater os velhos mestres, do que os motivos que mediassem para preferir o trabalho de um ao do outro, e poz em jogo sua amizade particular com a Princeza para sustar o julgamento, que ficou sem effeito, até vir o novo regimen que restabeleceu Oscar, no premio que a Academia lhe tinha adjudicado. Bernardelli, para não dar seu braço a torcer, e não se, dar por vencido, arranjou com os principaes capitalistas da praça uma pensão ao Belmiro, identica á que dava o governo, pagando de seu bolso cinco libras por mez durante cinco annos. Belmiro, seguindo as pégadas de seu amigo e protector foi lhe tambem ingrato, pois, repete a quem o quizer ou-

vir, que o que fez Bernardelli em seu favor, foi um pretexto para emprehender a campanha que o levou depois á directoria.

Pelo lado da instrucção, Bernardelli offerece grande alvo. Fala pouco de arte e si acontece falar, são puras banalidades, e quando se apresenta uma discussão de maneira a comprometter e evidenciar seus poucos conhecimentos. e manhoso, tem o geitò de desviar a questão e falar de outra coisa. Pelo contrario, é prolixo quando falam de medicina; conhece Humphreys a fundo, e fala d'elle de cadeira, pretendendo curar todas as doenças com aquelles medicamentos: não sei a quem ouvi dizer, que a Bernardelli em logar de ouvir-se-lhe falar de arte, só se lhe ouve falar de Humphreys.

Pelo lado dos preconceitos é tudo quanto ha de mais completo. Tem a crença dos chaldeus, de que o homem nasce sob a influencia de uma estrella, e, como a sua suppõe que o protege, é cada vez mais ousado, sem se importar de ir em contra da razão e da justiça. Tudo para elle são presagios: o derramar o sal, o azeite, a tinta, as topadas, são avisos dos quaes precisa-se guardar.

Para dar ao leitor uma ideia cabal do homem, contarei o seguinte caso, occórido ultimamente: indo para minha casa n'um bonde da praça Onze, vi alguém parado com outro na rua Senador Dentas, e todo o tempo da passagem do bonde ficou com a mão sobre a fronte. olhei bem, e vi o Bernardelli fazendo o signal da figa; julga-me, como elle, é tão supersticioso, que tenho algum poder sobrenatural — não é isso, Sr. Bernardelli? — é que o publico, desde que leu os meus primeiros artigos sobre o ensino, comprehendeu que você não está na altura de seu cargo e por essa razão caíram lhe todos em cima. A Bernardelli, póde-se applicar a definição que o D. Tardieu dá nos seus estudos psychologicos a proposito do phi-

listeu de Victor Helm: «Producto do habito, com falta de phantasia, rasoavel, ornado com todas as virtudes da mediocridade, levando uma vida honrada, graças á moderação de suas exigencias, concebendo lentamente e acarretando com uma paciente convicção o fardo de prejuizos que elle herdou de seus paes.

Tem um topete de palmo; uma noite, n'uma festa do Casino, fazia pouco tempo que fôra nomeado director, o Carlos Gomes, que nem sequer tinham nomeado para uma cadeira do Instituto de Musica, e achava se presente, acercouse de Bernardelli para o cumprimentar; o Bernardelli estava sentado e sentado ficou durante os instantes que o Carlos Gomes esteve com elle; eu vi-o retirar-se corrido, e elle devia sentir-se humilhado no seu intimo da maneira tão sem cerimonia com que fôra acolhido pelo collega. Outra vez, no seu *atelier*, com o cunhado de Deodoro, Sr. José Meirelles (no tempo do Governo Provisorio), acabava aquelle senhor de chegar da Europa, disse-lhe o Bernardelli, com certa arrogancia: «Agora que o senhor conhece a Europa e viu todas aquellas obras d'arte, que juizo faz de mim como artista?» O homem ficou interdito e não deu resposta. Eu, que estava presente, disse para os meus botões: como sabe, o Bernardelli impor-se a esta gente!

Possue essa vaidade peculiar do homem banal, porque se apparenta, alguma vez, ter orgulho, não é orgulho, que isso não pôde ter, é fatuidade. Gosta que os amigos lhe façam roda, e que os auxiliares do *atelier* briguem entre si para obterem as boas graças do patrão. Isto eleva-o ao píncaro da felicidade.

Muitos ha, que devem lembrar-se de Moriconi, o fundador de uma publicação intitulada *A Illustração Brasileira*, da qual o mano era director artistico, e que, quando elles estavam ausentes em Chicago, passou lhes grossa descom-

postura; pois bem; com aquelle cavalheiro, introduziram-se, no *atelier* da rua da Relação, uma collecção de italianos cada qual mais aproveitavel. Acudiram alli como moscas ao mel; incensavam-n'o, adulavam-n'o, engrossavam-n'o e até lhe extorquiam dinheiro, que nunca lhe pagaram, para fazer uns concertos em Petropolis. Estes iam todas as tardes fazer sua côrte no *atelier*, e ao sahir o Rodolpho para ir jantar, o lote acompanhava-o solícito e obsequioso. Uma tarde, depois de fechada a porta, vira-se para mim, e diz-me, com ares de homem convencido, erguendo o peito e a cabeça: «Eu sou alguem!»

Esta phrase retrata o homem de corpo inteiro: transparece n'ella a vaidade que lhe domina os nervos, e a superficialidade de sua intelligencia.



Justificação

«*Facit indignatio versum*»

JUVENAL

I. Já se vão longos annos que isto aconteceu, faz mais de trinta annos; foi na época do Imperio, ainda havia a escravidão, ainda existia aquelle resto de barbaria. Eramos moços, nossa fé no porvir nos guiava, a esperança nos sorria, o desejo de saber nos alentava. Foi no Rio e na Academia de Bellas Artes, onde conheci Rodolpho Bernardelli. Não saberei lembrar como se deu a nossa primeira entrevista, só saberei dizer que d'aquelle dia em diante a sympathia nos uniu, porque ambos estudavamos e perseguíamos o bello, e o bello era nosso ideal.

II. A convivencia augmentou nossa amizade, frequentavamos de noite a aula de modelo vivo, e lá as conversas sempre versavam sobre França e Italia. As noticias que os jornaes traziam do salão de Pariz e a impaciencia propria da mocidade acresciam nossos desejos de ir visitar aquelles grandes centros d'arte. Nossas aspirações eram as mesmas e precisavamos de horizontes novos. Depois de algum tempo transcorrido, a Academia abriu concurso para o premio de Europa, Rodolpho concorreu, ganhou e partiu. Eu, mezes depois, segui para Pariz.

III. Em Paris, entrei n'um atelier de xylographia para aperfeiçoar-me na profissão que me

dava o pão e fui estudar na Escola Especial de Bellas Artes; lá cursei dois annos. Com saudades da patria, fui a Madrid, estudei n'aquella escola com Madrazo e, transcorrido um anno, irrequieto, voltei a Paris: Por aquelles tempos minha provincia creou uma pensão e fui a Corunha concorrer. Os trabalhos foram enviados a Madrid para ser julgados pela Academia de S. Fernando, esta julgou em meu favor e permittiu-me ir a Roma estudar.

IV. Roma causou-me impressão profunda: quando percebi ao longe a cupula de S. Pedro, senti uma respeitosa curiosidade, mas, desde que o trem atravessou os muros e divisei S. João de Latrão, tremi d'emoção! A entrada em Roma impoz-se-me como si entrasse n'um templo. As numerosas ruinas que a cada passo se encontram; os grandes palacios; as magestosas egrejas; as espaçosas basilicas, cujos grandiosos interiores assombram o visitante pela riqueza dos materiaes, pela sobria ornamentação de seus altares, e pelas obras d'arte que abrigam nos seus recintos.

V. A lembrança da Rocha Tarpeia estimulou minha curiosidade; fui no dia seguinte de minha chegada ver a tal rocha e tive uma completa desillusão. A rocha está gasta e as construcções amontoaram-se por aquella parte, que não chega a ter seis metros de altura. Visitei nos primeiros dias o Vaticano, os museus, as galerias dos principes romanos e não pensava em Bernardelli; quando uma manhã, passando por diante do Café dos Artistas, percebi alguém fazendo um movimento brusco de curiosidade; virei a cabeça, era Rodolpho. Nossa amizade renasceu.

VI. No anno seguinte fomos a Napoles; cidade ridente, festiva e alegre: os cantos, os

gritos, os pregões enchem o ar de um rumor que parece até musical. Aquelle povo come, dorme, trabalha, tudo isto na rua e dá-lhe uma physionomia unica. Faz effeito, ao ver aquella gente tão contente, que desconhece a materialidade da existencia e vive da luz e do calor do sol. O Vesuvio fumegante, qual signal feito aos navegantes para deterem a marcha e aproar n'aquellas praias onde se goza, augmenta-lhe o artificio. E o forasteiro passa o dia distraido, percorrendo-lhe as ruas.

VII. Passamos a Capri, ilha deliciosa de aspectos varios, ora pintorescos, ora magestosos e até theatraes. Celebre por seus leves vinhos e suas raparigas de typo grego e romano, que servem de modelos aos artistas. Um contra-tempo sobreveiu, que amargurou nossa estadia; o colera appareceu em Napoles e a ilha ficou incommunicavel. E' muito triste viver forçado n'uma ilha! porque o espirito fica oppresso, pela ideia que o mar barra-nos a passagem. Para aproveitar o tempo, iam os dois, todos os dias, surprehender a natureza: esta por sua vez nos affagava com seu halito e mostrava seus encantos!

VIII. Tempos depois regressou ao Brasil. D'aqui me escrevia como de um exilio, sentindo ver-se distante do paiz da arte e dos amigos caros. Tinha cruciantes saudades, e suas cartas faziam-me o effeito de um lamento que se ouve ao longe. Elle luctava! Custa muito começar a vida; esta pode ser comparada com o negociante que se estabelece, precisa fazer conhecer a casa e adquirir freguezia. Pouco a pouco estes lamentos foram menos doloridos e diminuindo; os ais mais brandos apagando; as queixas esfumando e se extinguindo, por ultimo, desapareceram... O amigo tinha vencido!

IX. Terminado meu tempo de pensionista, e depois de alguns mezes de estadia na Hespanha, voltei a Paris. Alli trabalhei nos principios pela pintura e figurei com dois quadros no Salão de 88; e servi-me do recurso da xyllographia para viver. Ao mesmo tempo, preparava-me para ir concorrer aos cargos de professor na Hespanha; com este fim mandei o programma. A este proposito, fui frequentar os cursos nas escolas communaes de ville de Paris, entrando como principiante para estudar a disposição das aulas e como eram feitos os estudos; pondo-me assim ao corrente da pedagogia artistica.

X. Cansado de esperar pelo concurso, e sem recursos, vivendo com o producto do meu trabalho, e farto de luctar em Paris, decidi voltar á terra do Cruzeiro. Chegando aqui, encontrei o amigo que me ajudou com seu illimitado prestigio. A amizade com que o distinguira a familia Imperial, contribuia a augmental-o. E os homens do novo regimem para não apparecer gostar menos das artes que o Imperador, frequentavam-lhe o *atelier*. Alli encontravam-se os personagens mais eminentes do paiz, com a flôr da mocidade brasileira, e seu nome percorria a redondez do Brasil.

XI. Aquella situação era de grandes mudanças. As ideias accumuladas nos cerebros dos homens, surgiram. Homens novos appareceram, e o Governo, precisando impulsionar a machina do Estado, reformou as instituições do Imperio, e creou outras novas. O ministro Benjamin Constant, sabendo que eu era xyllographo eximio, e esta arte sendo naquelle tempo de primeira necessidade por escassear no paiz e como elemento de progresso, para me vincular, nomeou-me professor das Escolas de 2º gráo. Eu correspondi a esta attenção, naturalisando-me.

XII. Bernardelli, sendo considerado um dos personagens mais salientes e tido no conceito de innovador, o Governo, querendo dar ás bellas artes nova orientação, nomeou-o Director da recente Escola. Elle correspondeu áquelle encargo, escolhendo os professores d'entre os artistas de mais nomeada e rejeitando outros da antiga Academia. Propoz-me então para substituir um destes; respondi-lhe ter vindo a esta terra fazer amigos e não inimigos. Mais tarde reiterou o pedido, interpondo nossa amizade e fazendo-me bellas promessas; então, constrangido, renunciei meu logar vitalicio.

XIII. Dada minha renuncia, fui nomeado professor interino de modelo vivo. Esta aula, ao tomar conta della, encontrei-a fraca; os alumnos desenhavam mollemente e, para corrigir este defeito, puz me a desenhar com os rapazes, pois sempre entendi ser o exemplo o melhor mestre, que tambem deve de incutir na mocidade os principios do bello. Entretanto, fazia parte dos satellites do amigo, acompanhava-o e era visto com elle nos restaurantes, nos theatros e na rua do Ouvidor. Isto grangeava-me consideração, que os meus modestos trabalhos augmentavam.

XIV. No anno 95. expuz a «Redempção de Cham»: foi um successo. Bilac escreveu uma engenhosa critica sobre a maldição de Noé, que o meu quadro desmoralisava. Inspirou a Coelho Netto uma composição sobre o navio fantasma. Os alumnos offereceram-me uma palheta e os jornaes desbragaram-se em elogios. Tudo isto foi obra dos meus amigos, principalmente do Henrique, pelas *ganãs* que tinha ao Amoedo, pois este esforçara-se, mandando alguns bons trabalhos naquelle anno, e convinha ao amigo exagerar o valor do meu quadro. O jury, influido, concedeu-me a 1ª. medalha.

XV. Alguns annos, desempenhei o professorado, inculcando aos alumnos os solidos principios de desenho, adquiridos em Paris com meu mestre Lehmann. Depois de leccionar seis annos, cansado, decidi voltar aos grandes centros d'arte apesar de já ter meu filho nascido. A interinidade não admittia licença: renunciei e parti para Paris. Lá tomei um banho de arte, visitando os dois salões; fui a Bruxellas ver a Exposição Universal e, bem saturado de arte, segui para Italia. Ahi visitei Turim e Milão, que não conhecia, e cheguei a Roma, dez annos depois de a ter deixado.

XVI. Alli demorei-me trinta mezes trabalhando n'um triptico religioso, que representava as tradições de Santiago na Galiza, por mim sonhado antes de ser pintor. Empreguei o impressionismo nos céos e na portada dourados. Pintei no centro a «Invenção» em estylo symbolico e, aos lados, a «Predica» e a «Chegada do corpo», em estylo realista. Mas fui infeliz! Em Paris, não foi aceito, e em Madrid os pintores mandaram-n'o para a secção decorativa e os decoradores não o aceitaram como tal. Actualmente está na Cathedral de Compostella e o tempo se encarregará de pas-sal-o á posteridade.

XVII. Voltando de Roma, encontrei em Paris Rodolpho ultimando o grupo do Centenario. Elle voltou ao Rio sem vêr aquella grande Exposição. Eu esperei sua abertura, já tendo visto as de 78 e de 89. Achei a de 1900 maior, porém o progresso só era sensivel na ceramica. As bellas artes adiantaram n'um sentido: o quadro de genero ficou de lado. Portugal, que d'antes apresentava escassos trabalhos, fez regular figura, e os Estados Unidos, que em 78 tinham uma pequena sala com quadros de principiantes, nesta, pareciam o prolongamente da secção Inglesa.

XV. Alguns annos, desempenhei o professorado, inculcando aos alumnos os solidos principios de desenho, adquiridos em Paris com meu mestre Lehmann. Depois de leccionar seis annos, cansado, decidi voltar aos grandes centros d'arte apezar de já ter meu filho nascido. A interinidade não admittia licença: renunciei e parti para Paris. Lá tomei um banho de arte, visitando os dois salões; fui a Bruxellas ver a Exposição Universal, e, bem saturado de arte, segui para Italia. Ahi visitei Turim e Milão, que não conhecia, e cheguei a Roma, dez annos depois de a ter deixado.

XVI. Alli demorei-me trinta mezes trabalhando n'um triptico religioso, que representava as tradições de Santiago na Galiza, por mim sonhado antes de ser pintor. Empreguei o impressionismo nos céos e na portada dourados. Pintei no centro a «Invenção» em estylo symbolico e, aos lados, a «Predica» e a «Chegada do corpo», em estylo realista. Mas fui infeliz! Em Paris, não foi aceito, e em Madrid os pintores mandaram-n'o para a secção decorativa e os decoradores não o aceitaram como tal. Actualmente está na Cathedral de Compostella e o tempo se encarregará de passal-o á posteridade.

XVII. Voltando de Roma, encontrei em Paris Rodolpho ultimando o grupo do Centenario. Elle voltou ao Rio sem vêr aquella grande Exposição. Eu esperei sua abertura, já tendo visto as de 78 e de 89. Achei a de 1900 maior, porém o progresso só era sensivel na ceramica. As bellas artes adiantaram n'um sentido: o quadro de genero ficou de lado. Portugal, que d'antes apresentava escassos trabalhos, fez regular figura, e os Estados Unidos, que em 78 tinham uma pequena sala com quadros de principiantes, nesta, pareciam o prolongamente da secção Inglesa.

XVIII. Um dos mais bellos espectáculos da Exposição foi a Rua das Nações, á beira do Senna. Admiravel pelo ponto de vista e pelos palacios que a constituíam, nella cada paiz figurava com uma sua construcção typica. A Italia tinha uma reminiscencia de S. Marcos ; a Inglaterra um *cottage* de interior confortavel ; os Estados Unidos, um pavilhão assemelhando ao Capitolio de Washington; a Allemanha, uma construcção decorada exteriormente ; a Hespanha, um solar, exhibindo no seu salão nobre as armas de Boadil e uma collecção de tapetes, que eram o *clou* da Exposição, na opinião dos entendidos.

XVIV. Com tempo chuvoso, prenuncio de tristezas, embarquei em La Palisse. O vapor tocou na Corunha, mas não me deu tempo de ir á terra. Meu irmão veio a bordo. Quem diria que seria a ultima vez que nos viamos! Longe da península a viagem correu mais feliz. Dias antes do seu termo o sol poente apresentava lindas cambiantes, passando do cromo claro, ao oiro e purpura; o ceo incendiava-se terminando por grandes manchas violetas sobre o horizonte. As noites eram admiraveis : a lua cheia de junho illuminando a rota do vapor, occultava-se por vezes parecendo brincar com o navio ás escondidas.

XX. Desembarcado fui ao « Soberbo », onde estavam a esposa e o filho ; este, que deixara dando os primeiros passos, achei crescido e agil. Após pequena demora voltei ao Rio. Quiz, de novo, trabalhar pela *xyllographia* que, por ser de applicação commercial, me serviu nas primeiras necessidades ; mas a gravura chimica tinha-se desenvolvido e este recurso me falhou. Tive que lançar mão de todos os meus meios para viver, durante onze annos de vida incerta, podendo parodiar as palavras de Cezar em Munda : Até alli tinha luctado pela gloria, depois luctei pela vida !

XXI. Com Bernadelli nossa amizade corria calma e íntima. Eu trabalhava n'um gabinete ao lado do *atelier* e assim decorreram alguns annos. Succedeu, porém, sentir reviver em mim a velha affeição pela esculptura, pois meus principios até os 18 annos foram de esculptor e gravador, apprehendendo uma com meu tio e a outra com meu irmão. O que elle percebendo, cala ; sua amizade esfria ; não é mais o mesmo. Já não me apresenta a seus amigos, fica reservado e considera-me como um estranho. Em vista d'esta situação, separei-me d'elle, indo trabalhar em minha casa.

XXII. Continuamos os mesmos na apparencia, pois não havia motivo para romper uma velha amizade. Soube, entretanto, que sua mal escondida colera transparecia nos juizos formulados a meu respeito. Nas suas conversas fazia-me uma misera reputação : « Vejam o Brocos metido a esculptor ! é um maluco que acabará no Hospicio ; elle sempre foi um desequilibrado » ; e assim por diante. Emfim, percebi que seus amigos não eram meus amigos e, por outro lado, sendo-me seus inimigos contrarios, comprehendí que o melhor que tinha a fazer era retirar-me, decidindo não mais fazer parte de sua roda.

XXIII. Nesta situação, estremecidos, não me convinha continuar o officio de corista ; porque, em quanto era ou parecia ser sincera sua amizade, de sua alta reputação auferia proveito e, no meu interesse, ajudava a endeosar o idolo, pois convinha conservar no espirito do publico sua alta reputação. Ora, desde que se voltou contra mim, julguei opportuno não mais continuar a representar papel tão infimo ; sabendo, por outra parte, que seus conceitos, mesmo na apparencia ditos em ar de troça, eram pouco

amistosos, pois depremiam-me e concorriam para meu desprestígio.

XXIV. Por esses tempos, vi na livraria Laemert uma revista de arte decorativa, que era mensal e lá ia eu todos os mezes procurar o numero. Já passado algum tempo, o empregado mais familiarizado commigo pela assiduidade que notava, um dia, disse-me muito reservadamente: «Sabe que seus amigos são amigos ursos?... Quando esta publicação chegou, consultei com os Bernardellis a que artistas poderia offerer esta publicação; fizemos uma lista e ao indicar seu nome, responderam, com ar de pouco caso, que Brocos não comprava.»

XXV. Como nas nossas relações nada transparecia de anormal, continuava a visital-o. Succedeu nesse tempo que o Presidente do Supremo Tribunal, de accordo com o engenheiro Peixoto, approvou o esboceto por mim feito para o tecto d'aquelle tribunal; o engenheiro o mostrou ao Ministro e apresentou o requerimento. Estando as coisas neste pé, participei ao amigo ter essa encommenda. Mostrou-se surprehendido. Dois dias depois d'esta conversa, o requerimento tinha sido mandado archivar! Communiquei ao Rodolpho este insuccesso e elle, sendo amigo de Tavares de Lyra, não se mexeu!

XXVI. Outra vez, retratando a senhora de David Campista, o marido, presente, insinuou que ouvira dizer que eu abusava do preto. «Quem disse tal maldade?» interroguei. Responderam com evasivas, e por ultimo, declarou o Campista tel-o sabido por um amigo que se dava muito com os Bernardellis; a senhora tambem ajudou dizendo que a pessoa era muito amiga do marido, e eu não devia tomar em máo sentido. Então, lhes

disse: «Pois vejam, mostrando a palheta, como os enganaram: na minha palheta não ha preto.» Terminada a sessão, sahi com o coração opprimido.

XXVII. Na Exposição do anno 09, mandei a «Idéa» e o retrato da senhora Campista; tambem expuz na esculptura. Mal collocada a «Idéa», pedi ao compadre, (*) que era do jury, para que a mudasse de logar. «Olha que, si depois ficar mal, não retiro.»—Você fala serio? argui. Elle continuou:—Reflectindo bem, você não pôde estar na sala.—Estou como membro do Conselho Superior de Bellas Artes, que me dá o direito de entrar, respondi.—Chalréo, o secretario, approximou-se e disse-lhe que eu era até do jury de esculptura. Note-se que os artistas Freitas e Latour, estavam na sala collocando seus trabalhos.

XXVIII. Por fallecimento de Berard, a cadeira de desenho figurado vagou. Logo que tive noticia fui ter com Rodolpho, que, ao perceber-me de longe, fallou: «Já aqui esteve o Belmiro com essa mesma pretensão e lhe disse que esse logar tenho reservado para os moços, que os velhos já os conheço». Respondi que os moços ainda podiam esperar: Nem mais uma palavra pronunciei. Sahi sentindo nauseas, pensando na velhacaria e na improbidade do amigo. Depois de seus insistentes pedidos e promissoras offertas, fazia-me renunciar o logar de professor das Escolas do 2º gráo e, agora, esquecia o meu sacrificio!

XXIX. O Dr. Esmeraldino não acceitou o candidato que o Bernardelli propunha e mandou abrir concurso. O Rodolpho burlou o Ministro pondo a cadeira de topographia no logar d'aquella.

(*) O Sr. Henrique Bernardelli, foi padrinho de meu filho em 97, dias antes de minha partida para Europa.

Quando a cadeira foi posta em concurso a situação era outra e pude inscrever-me. Por esses dias encontrei o amigo que me aconselhou que fizesse concurso nos surdos-mudos; achei a insinuação malevola, pois sabia estar previamente dada. O Dr. Rivadavia fallando favoravelmente a meu respeito com Bernardelli, este propoz-me para interino e disse-me em carta: «A proposta partiu unicamente de minha parte.» !!

XXX. Pela reforma de 1911, fui confirmado no cargo. A nova lei obrigava a se eleger o Director; esta eleição deveria se effectuar dois dias depois do anniversario de meu filho. Convidei por tal motivo os amigos para a festa, especificando as outras duas pessoas convidadas, tambem amigas d'elles. Chegada a hora, espera-se, espera-se e, tarde, chega o vulgar telegramma. Os convidados não manifestaram bem nem mal sua opinião; mas minha mulher, sentida e magoada, alcando os braços qual iracunda sybilla, grita: Tu não lhe darás teu voto, tu não irás votar!

XXXI. Com aquelle jantar queria deitar um véo sobre o passado e desfazer o mal entendido para que a amizade brotasse de novo. Mas, pelo contrario, poucos dias depois, entrando na directoria da Escola e vendo alli o compadre, dirigi-me a eile para o cumprimentar. Qual não foi minha surpresa! Retira a mão e dá-me os qualificativos que o despeito pode suggerir; lança-me em rosto ter feito escultura e allega seus beneficios! Isto na presença do irmão, de Pinelo, do professor Berna etc. Eu tive que repellir com razões as injurias; mas, si estivessemos n'outro lugar, meus punhos marcariam sua frente!

XXXII. Ultimamente, o Conselho votou em meu nome para a commissão organisadora do

processo dos concursos e deveres dos pensionistas. Estas nomeações costuma-se fazer entre membros das respectivas secções: actualmente não pertença a nenhuma. O director, que não tem direito de mostrar sua opinião por não ter voto, levantou se para protestar contra minha nomeação e só poudé arrastar no seu protesto um dos professores. Eu fiquei indignado ao ver proceder tão improprio, por ser elle director, e tão injusto, sabendo que eu professei durante seis annos a aula de modelo vivo!

XXXIII. No meu projecto, pedia que os concorrentes executassem um quadro, emquanto os da Commissão se contentavam com uma academia. Sendo meu projecto derrotado e eu, não tendo a palavra facil, impugnei por escripto aquellas atrazadas ideias. O exito superou minhas esperanças, animando-me a escrever os artigos sobre «Ensinó de Bellas Artes» que, os primeiros publicados, tem aberto os olhos aos que interessam estas questões e feito vacillar a cadeira do director. Hoje, afastado do convívio social e embalado pelo rumor do «Soberbo», escrevo estas simples notas que espelham minha alma.

XXXIV. Neste retiro, circumdado pelas altas montanhas de Theresopolis, cobertas com o manto da natureza e banhadas pelo curso do «Soberbo», descanso minha vista sobre ellas, e, abstrahindo-me de tudo quanto me rodeia, atravesso-as com os olhos do espirito e do outro lado encontro o Oceano. Corro a vista por elle, vou deslizando pela superficie das aguas e... longe... mais longe... enfim, encontro um continente; vou seguindo adeante e... além, apparece-me outro, com praias já por mim conhecidas, praias aquellas que me trazem recordações da juventude, quando a esperança ia deante de meus passos.

XXXV. Lá, vejo campinas, aldeias e cidades outr'ora por mim visitadas, onde me alberguei, onde trabalhei, onde tive alternativas de alegria e de tristeza, de impaciencia e de calma, afanando-me e estudando com a ancia de chegar, uns tempos trabalhando para viver, e outros vivendo mais folgado. Logares, tambem, onde soffri por falta de meios para dar forma e vida aos projectos que idejava, afim de poder desenvolver minha actividade. Tudo hoje faz-me o effeito de uma miragem, porque os soffrimentos que sentia eram produzidos pela impaciencia e os meus dissabores pela ambição de gloria !

XXXVI. Vejo a Italia, o sonho dos artistas, onde passei seis annos ; vejo Napoles pela segunda vez e Pompeia a resuscitada ; Florença, a patria das artes ; Veneza, a cidade que mais suggestionou-me a alma ; Paris, onde por diversas vezes vivi oito annos ; Londres, com Westminster, o mais imponente dos monumentos ; Bruxellas, onde, em 97, vi os primeiros lampejos do modernismo. Desço á Barcelona, onde ha uma excellente escola de arte decorativa ; vou a Madrid e no Prado extasio-me diante dos Velasquez ; depois vou visitar a medieual Toledo, que tem portas, que parecem acabar de serem prégadas pelos mouros !

XXXVII. Sigo em direcção da Galiza ; encontro Leão, com a celebre cathedral romanica e as muralhas romanas de tijollos ; depois Lugo, com as muralhas romanas de ardosia ; vou a Corunha, onde fiz o concurso e reside a familia de meu irmão ; contórno a costa e vejo o espectáculo pintoresco de suas *rias*, tão bellas e que nunca tive occasião de pintar, porque desde a idade de 19 annos, exceptuando duas curtas estadias, vivo longe dellas ; e vou a Santiago, a cidade onde nasci, percorro-lhe as ruas ; os amigos de infancia já

quasi todos se foram, dos conhecidos tambem poucos ha, de modo que, si hoje lá apparecesse, seria...

XXXVIII. O roncar do «Soberbo» chama-me á realidade: vejo-me debruçado na janella, olhando sem vêr o que está diante de meus olhos, nesta casa, onde a esposa nasceu, nos casamos e se deslizou a meninice de meu filho, nos tres annos da malfadada ausencia. Aqui pintei a «Mandioca» e fiz os estudos para a «Redempção de Cbam». E, agora, passo os calores estivaes, longe das gentes, sem me occupar da guerra nem da politica, ignorando o que se passa fóra destas montanhas. entretido com meus trabalhos de paisagem e, aproveitando os aguaceiros que me impedem sahir de casa, nesta divagação.

XXXIX. Alheio á mesquinhas contendas, vivo no mundo, sem me preocupar de suas maldades e julgando todos bons e leaes. Sempre fui de caracter integro e admirador da probidade. Nunca me passou pela mente um pensamento torpe contra ninguem. Sou na apparencia brusco e reconheço que ha no meu caracter algo de desigual; pois, por vezes, sou de uma generosidade de nababo, e outras, de uma mesquinharia de judeu. Mas, os que me conhecem de perto, sabem que esta rustica apparencia encobre uma alma recta, pois sempre nas minhas acções tive por norma a justiça e nos trabalhos como fim a verdade.

XL. Não se pode dizer tudo quando se escreve; porém, as declarações que estou fazendo, acho-as necessarias para o publico julgar da alma do escriptor. Desde que me conheço, digo com o peito aberto, a sombra da inveja não annueou meu semblante, porque aonde encontrei o talento soube reconhecê-lo e admirá-lo; pois, repito,

nunca tive inveja de ninguém. Meu coração foi sempre sensível aos favores e benefícios que recebe: a ingratiidão é sentimento para mim desconhecido e que considero o mais indigno. Por isso, escrevo estas linhas com a magua de quem, como eu, tem de renunciar a uma velha amizade.

XLI. Trinta annos de amizade ininterrupta, trinta annos de honesta convivencia fazem-me vêr todo o meu passado! A mocidade não perdura e não mais sentirei seu meigo sorriso, porque a mocidade foi! Esta é uma das causas que contribuem e me fazem sentir toda a dôr desta desavença, que não mais se poderá reparar; desavença esta, que me faz vêr, como em panorama, tudo quanto vivemos e percorremos juntos, na mais perfeita harmonia e ligados pelos laços das mais nobres aspirações. Isto enche-me a alma de tristeza e as lagrimas caem de meus olhos ao escrever esta justificação.

VLII. A consciencia revoltada ante tanta fraqueza ergue-se e diz: «A que vem esse choro? Recolhe as lagrimas e não mais fixes o pensamento nesse homem. Elle serviu-se de ti, emquanto podias ajudal-o a levantar-se sobre os outros, e quando julgou não mais de ti precisar, largou te. Considera que fez tudo quanto estava em seu poder para não voltares a ser professor da Escola e, na sua cega vaidade, não imaginou que pudesses forçar lhe a mão. Nunca pensou que tivesses a teu favor Rivadavia, que lhe dissesse que tinhas já serviços publicos. Acalma-te: em logar de lagrimas, mostra-lhe dignidade!

XLIII. «De hoje em diante não pensa mais nessa amizade: esquece-a para sempre! Isto é o que eu te imponho, o que a pura razão suggere e o mais comedido bom senso te deverá ditar nesta

ocasião! O proceder de tal amigo parece-se ao do lobo, quando acha a ovelha fóra do rebanho, que chupa a sangue da presa, devora-a e depois de farto e contente, vae deitar-se no bosque e fazer a digestão. Mas, quão longe elle estava desta surpresa, mesmo sabendo de longa data que tu escrevias: nunca imaginou que pudesses fazel-o em portuguez. Agora põe-n'o em evidencia e pesa o na balança da Justiça!

XLIV. « Ah! nunca pensou que de tua penna sahiriam palavras de censura e que tu pudesses levantar contra elle tua voz! Tão certo estava da impunidade, que commetteu o erro de ser falso e injusto contigo. Julgava que seu proceder ficaria ignorado e, como elle estava tão alto, as queixas não lhe attingiriam, nem á sua roda. Fiado nesta immuniidade, tratou de affastar o velho amigo e mostrou-se insensivel á sua dôr. Do amigo que, para lhe satisfazer as velleidades, sacrificou seu futuro. E elle, quando pôde reparar o sacrificio, responde cynicamente: « Os velhos, já os conheço! »

XLV. « Lembra te do Passos, quando Bernardelli considerava-se omnipotente, por acompanhar no automovel aquelle grande homem. Alçava o busto todas as vezes que lhe passavam ao pé e nem se dignava olhar-te, mostrando em seu rosto a satisfação de quem se desvanecer em tocar de relance o poder. E' de poder que elle está sedento; pois que sendo-lhe contrario o Conselho Docente e já tendo sido eleito outrem para occupar o cargo de director, teima em continuar no logar!! Não chegou ainda a convencer-se de sua insufficiencia e da orientação errada que deu á Escola nos 24 annos de direcção!

XVLI. « Vê a falsidade desse homem, que, pouco tempo depois de ser nomeado director

declarava por céos e terra que aquelle cargo o distrahia de seus trabalhos e que daria sua demissão: cantiga esta systematica e constantemente repetida. E seus admiraderes levavam aos quatro ventos a pavorosa nova! E os Ministros, altos empregados, amigos aconselhavam, rogavam que não deixasse o cargo, pois si tal acontecesse seria uma calamidade nacional! Porque diziam: «que seria das artes no Brasil si Bernardelli deixasse de dirigil-as?» E esta comedia não tem durado nem cinco, nem dez,... e sim, por mais de vinte annos!

XLVII. «Elle é, no trato, affavel e insinuante e sabe captivar; com essa força conseguiu tudo quanto desejou dos Ministros. E', na apparencia, modesto e finge com seus admiradores ser de uma grande simplicidade. Elles mal sabem que aquelle homem é capaz de tudo para conseguir seus propositos: o amigo na desgraça, si para levantar-o tem de soffrer qualquer contrariedade, deixa-o na pena e prosegue em seu caminho; si para realizar seus planos tiver de commetter uma injustiça, commete-a. Esse homem é de tempera tal, que, para attingir a seus fins, si o considerar necessario, não trepidaria em passar por cima de teu cadaver!

XLVIII. «Mas, tudo tem seu limite: a Providencia cansou-se de soffrer um coração tão duro! Tu és o instrumento que porá em seu logar esse homem: serás o chicote com o qual a Providencia percutirá os omoplatas do falso que pagou seus bemfeitores com a moeda vil da ingratitude! Tu vaes vingar o honesto Mafra, o sincero Victor Meirelles e todos quantos quiz elle deitar na lama! Vaes restabelecer a memoria de aquelles que, já velhos não tinham força para se opporem a Bernardelli, moço, amigo da familia Imperial e gozando immerecida fama de grande esculptor.

XLIX. « Esse homem sem sentimentos, que todos os seus actos calcula e os passos mede; esse homem que desconhece os sacratissimos laços da amizade, vendo nella só o seu proveito; esse homem, que te chamou tantos annos de amigo, e quando lhe fizeste um pedido justo não te attendeu, esquecendo-se que te tinha a pagar uma divida de honra; esse homem que, por tantos annos gosou immerecidamente a reputação de grande artista, dia virá em que, ao vel-o passar pelas ruas do Rio de Janeiro, os velhos o apontarão, dizendo: — «Lá vai o homem que nos illudiu!» — E por sua vez, os moços exclamarão: — «Lá vai o homem sem coração!» ».

L. A consciencia não proseguiu nas terriveis accusações formuladas contra o amigo e deixou de falar. Eu ouvi com respeitoso recolhimento seus ataques; e, si a intelligencia bem comprehendeu a justeza de seus argumentos e suas incontestaveis razões, meu coração ficou immerso numa dôr profunda, por ter de lançar na poeira do esquecimento tão antiga amizade! Este sentimento tantos annos abrigou se no meu coração, que, posso dizer, criou raizes e estas precisarão ser arrancadas com as pinças da mais possante energia, auxiliadas com os raciocinios da consciencia.

LI. Todo individuo sente no seu foro intimo a lucha constante entre a razão e o sentimento, uma obedece ao cerebro a outra ao coração. Os que conduzem suas acções pelo que lhes suggere a razão, agem como philosophos e vão seguros em seu caminho; emquanto os que se deixam levar pelo sentimento, poderão praticar as acções mais generosas, como tambem serem arrastados ao crime! Os impulsos da vontade são os que mais custam a dominar. E, ai do infeliz,

que só a ella escuta : poderá ser lançado no turbilhão do inconsciente e fludar n'um precipicio !

LII. Esse affecto, prototypo d'amizade, alimentado durante trinta annos, nascido da simples sympathia e das communs aspirações, parecia inextinguivel pela expontaneidade com que brotou e tambem impossivel que houvesse acido bastante energico para dissolver o, nem crisol que o fundisse. Acabou!—Quem poderia imaginar? Pelas injustiças commettidas, pelo amigo em detrimento meu, chegando á ponto tal, que todas as forças humanas reunidas para nos conciliar seriam baldadas. E comtudo, este era um affecto tão voluntariamente alimentado, e sem interesses mesquinhos, que, si os meus sentimentos fossem partilhados, só terminaria na sepultura !

LIII. Não é sufficiente a sympathia para ligar os homens sobre a terra e conserval-os amigos : preciso se faz a reciprocidade de interesses para manter vivido e alerta este sentimento. E esses liames faltaram ! Elle julgou-me homem morto, de quem não mais precisava. Enganôu-se ! Mas, para que pensar ainda nessa amizade ? Não tenho outra mais bella e sagrada para me esquecer d'essa que se foi ? Não me estão indicando as forças divinas e humanas meu filho, de cuja amizade deverei cuidar com o maior carinho ? Que outra amizade poder se á comparar com a amizade de um filho ?

Barreira do Soberbo, Fevereiro de 1915.

